

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - MESTRADO

**O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DOS NÚMEROS DE MORTES POR COVID-19 NO *JORNAL NACIONAL (JN)***

Imperatriz - MA  
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Costa Souza, Michele.

O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA : UMA ANÁLISE DA COBERTURA DOS  
NÚMEROS DE MORTES POR COVID-19 NO JORNAL NACIONAL JN /  
Michele da Costa Souza. - 2023.  
104 p.

Coorientador(a): Renata de Rezende Ribeiro.

Orientador(a): Denise Cristina Ayres Gomes.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Comunicação/ccim, Universidade Federal do Maranhão,  
Imperatriz/MA, 2023.

1. Imaginário. 2. Jornal Nacional. 3. Morte. 4.  
Pandemia da Covid-19. 5. Telejornalismo. I. Ayres Gomes,  
Denise Cristina. II. de Rezende Ribeiro, Renata. III.  
Título.

Michele da Costa Souza

**O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DOS NÚMEROS DE MORTES POR COVID-19 NO *JORNAL NACIONAL (JN)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

**Linha de Pesquisa 1:** Tecnologia, Estética e Produtos Midiáticos.

**Orientadora:** Profa. Dra. Denise Cristina Ayres Gomes

**Coorientadora:** Profa. Dra. Renata de Rezende Ribeiro

Imperatriz - MA  
2023

Michele da Costa Souza

**O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DOS NÚMEROS DE MORTES POR COVID-19 NO *JORNAL NACIONAL (JN)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Aprovação em 27 de fevereiro de 2023.

---

**Orientadora:** Profa. Dra. Denise Cristina Ayres Gomes  
Universidade Federal de São Paulo

---

**Coorientadora:** Profa. Dra. Renata de Rezende Ribeiro  
Universidade Federal Fluminense

---

**Examinadora interna:** Profa. Dra. Marcelli Alves da Silva  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Examinadora externa:** Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Imperatriz - MA  
2023

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar. Gratidão pelas oportunidades de poder cursar e terminar a graduação. Gratidão por ingressar e finalizar o mestrado. E gratidão por passar no doutorado. Também por me permitir sobreviver à pandemia da Covid-19 com saúde.

Sou grata à minha família, minha mãe, meu pai e meus irmãos. Sem eles tudo seria mais difícil e cansativo. Gratidão às minhas amigas e amigos que estiveram comigo durante esses anos de vida e na universidade. Em especial aos que estiveram comigo nos últimos dois anos: Idayane Ferreira, Pedro Henrique, Gabriel Carneiro, Gabriela Almeida, Andrea Passos e Isabel Babaçu.

Gratidão à Universidade Federal do Maranhão, minha segunda casa. Foram sete anos como estudante da UFMA. Tenho muito orgulho disso. Gratidão também por todas as oportunidades de ser bolsista nas modalidades de auxílio, permanência e de pesquisa. Os financiamentos foram extremamente importantes para me manter na universidade. Obrigada!

Obrigada também às instituições de fomento à pesquisa. Pude ser bolsista de Iniciação Científica na graduação pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e no mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA Imperatriz (PPGCOM). Obrigada pela oportunidade de ser aluna deste PPG.

Meus agradecimentos especiais à minha professora e orientadora de mestrado, Profa. Dra. Denise Cristina Ayres Gomes. Tive o privilégio de ser orientada por uma das melhores professoras da UFMA. Seus conselhos serviram não somente para a pesquisa, mas principalmente para a vida. Muito obrigada de verdade!

Gratidão também à minha coorientadora, Profa. Dra. Renata de Rezende Ribeiro. Muito obrigada por fazer parte dessa conquista! Meus agradecimentos às Profas. Dras. Marcelli Alves e Iluska Coutinho por aceitarem o convite para fazer parte da banca e pela troca enriquecedora.

*[...] Só poderemos compreender a humanidade da morte compreendendo a especificidade do humano. Só então poderemos ver que a morte, como a ferramenta, afirma o indivíduo, o prolonga no tempo, assim como a ferramenta no espaço, também procura adaptá-lo ao mundo, exprime a mesma inadaptação do homem ao mundo, as mesmas possibilidades conquistadoras do homem em relação ao mundo.*

*Edgar Morin.*

## RESUMO

A pandemia da Covid-19 é um fenômeno biológico, mas também um constructo simbólico permeado por várias narrativas que disputam a hegemonia de sentidos na esfera social. As imagens do fenômeno apresentadas pelo *Jornal Nacional (JN)* integram o imaginário social sobre a crise sanitária no país. Os números de mortes pela Covid-19 foram utilizados no telejornalismo para dimensionar os impactos do vírus e ilustrar os estágios (ou fases) da doença durante a pandemia (CALEFFI; PEREIRA, 2021). A presente pesquisa tem por objetivo compreender os sentidos evocados pelo telejornalismo ao apresentar os números de mortes por Covid-19. Analisamos dez edições do *Jornal Nacional* que têm como ponto de referência o quantitativo de mortes pela doença no país: a primeira morte, 5 mil, 10 mil, 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil, 400 mil, 500 mil e 600 mil. As edições compreendem momentos das duas primeiras temporalidades (os anos de 2020 e 2021) da pandemia. O *JN* foi selecionado por ter a maior audiência no segmento. Partimos da abordagem teórica da socioantropologia do imaginário (MAFFESOLI, 2001; 2020; SILVA, 2009; 2020; GOMES, 2017; GOMES, REZENDE, 2021). Utilizamos ainda o método da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) para estudar o produto telejornalístico de forma completa, preservando a unidade: texto+som+imagem+tempo+edição. O *corpus* é composto por 45 peças (incluindo notas, editoriais, reportagens, quadros temáticos) das dez edições do telejornal que abordam a temática da morte por Covid-19. O dispositivo telejornalístico, como uma tecnologia do imaginário (SILVA, 2020), desempenha um papel importante na construção do imaginário social porque representa, por meio da técnica, um recorte das implicações sociais de um determinado momento. A pandemia foi representada pelo *JN* ora como uma tragédia, ora catástrofe, ora como guerra. Observamos uma mudança na abordagem dos números de mortes por Covid-19 no telejornal. A morte é ritualizada no discurso jornalístico, sendo traduzida no espaço simbólico dos números ou personificada nas histórias de vida. O telejornal ainda dramatizou a pandemia, evidenciando as individualidades das vítimas, suas histórias, sonhos e trajetórias buscando identificação com o público.

**Palavras-chave:** Imaginário. Telejornalismo. *Jornal Nacional*. Pandemia da Covid-19. Morte.



## ABSTRACT

The Covid-19 pandemic is a biological phenomenon, but also a symbolic construct permeated by several narratives that dispute the hegemony of meanings in the social sphere. The images of the phenomenon presented by *Jornal Nacional (JN)* are part of the social imaginary about the health crisis in the country. The numbers of deaths from Covid-19 were used in telejournalism to measure the impacts of the virus and illustrate the stages (or phases) of the disease during the pandemic (CALEFFI; PEREIRA, 2021). The present research aims to understand the meanings evoked by telejournalism when presenting the numbers of deaths by Covid-19. We analyzed ten editions of *Jornal Nacional* which have as a point of reference the number of deaths from the disease in the country: the first death, 5 thousand, 10 thousand, 50 thousand, 100 thousand, 200 thousand, 300 thousand, 400 thousand, 500 thousand and 600 thousand. The editions comprise moments of the first two temporalities (the years 2020 and 2021) of the pandemic. The *JN* was selected for having the highest audience in the segment. We start from the theoretical approach of the socio-anthropology of the imaginary (MAFFESOLI, 2001; 2020; SILVA, 2009; 2020; GOMES, 2017; GOMES, REZENDE, 2021). We also used the Audiovisual Materiality Analysis method (COUTINHO, 2016) to study the television news product in a complete way, preserving the unit: text+sound+image+time+editing. The *corpus* is composed of 45 pieces (including notes, editorials, reports, thematic frames) of the ten editions of the television news that address the theme of death by Covid-19. The telejournalistic device, as a technology of the imaginary (SILVA, 2020), plays an important role in the construction of the social imaginary because it represents, through technique, a cut of the social implications of a given moment. The pandemic was represented by the *JN* now as a tragedy, now as a catastrophe, now as war. We observed a change in the approach to the numbers of deaths by Covid-19 in the news. Death is ritualized in journalistic discourse, being translated into the symbolic space of numbers or personified in life stories. The television news also dramatized the pandemic, highlighting the individuality of the victims, their stories, dreams and trajectories seeking identification with the public.

**Keywords:** Imaginary. Telejournalism. *Jornal Nacional*. Covid-19 pandemic. Death

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mercado central de Wuhan vazio.	20
Imagem 2 - Sala de hospital com pacientes internados em Wuhan.	20
Imagem 3 - Número da Bolsa de Valores em resposta à declaração da OMS sobre os altos riscos do novo coronavírus.	22
Imagem 4 - Entrevista de Bolsonaro quando o Brasil atingiu a marca dos 5 mil mortos, ultrapassando a China.	23
Imagem 5 - Brasil atinge 10 mil mortos por Covid-19 e Bolsonaro passeia de jet ski.	23
Imagem 6 - Cemitério de Manaus (AM) funcionando à noite para dar conta da alta demanda de sepultamentos	25
Imagem 7 - Hospital em Manaus (AM) recebendo paciente acometido pela Covid	25
Imagem 8 - Imagens aéreas de covas sendo abertas e fechadas em cemitérios.	30
Imagem 9 - Pacientes internados em hospitais de Manaus (AM) ilustrando o texto da repórter sobre as mortes por Covid-19	30
Imagem 10 - Entrevista com o governador do Amazonas sobre a situação do estado na pandemia.	45
Imagem 11 - Evolução do número de mortes por Covid-19 no quadro “Balanço da pandemia” do Jornal Nacional.	47
Imagem 12 - Exemplo de peça do JN detalhada na plataforma Globoplay.	48
Imagem 13 - Dados da pandemia no JN antes do atraso do Ministério da Saúde.	52
Imagem 14 - Dados da pandemia no JN depois do atraso.	52
Imagem 15 - Ilustrações do coronavírus no telão do estúdio do JN.	53
Imagem 16 - Ilustração do coronavírus ao lado dos caracteres da reportagem.	53
Imagem 17 - Telão de vidro depois da mudança.	54
Imagem 18 - Reportagem ensinando a como lavar as mãos da forma correta para prevenir o novo coronavírus.	56
Imagem 19 - Ilustração gráfica da primeira vítima da Covid-19 no Brasil.	57
Imagem 20 - Unidade de Tratamento Intensivo pronta para receber pacientes.	58
Imagem 21 - Foto do auxiliar de enfermagem Eduardo Gomes da Silva que morreu de Covid.	60
Imagem 22 - Família da dona Maria do Carmo se despedindo da matriarca que faleceu sem causa da morte definida.	60
Imagem 23 - Pacientes internados em leitos de enfermaria.	61
Imagem 24 - Coveiros equipados levando caixão para o sepultamento.	61
Imagem 25 - Enterro coletivo em Manaus (AM).	61
Imagem 26 - Número de casos confirmados do novo coronavírus no Brasil em Março de 2020.	62
Imagem 27 - Linha evolutiva de mortes por Covid-19 no Brasil em abril de 2020.	63
Imagem 28 - Número de mortes por Covid-19 confirmadas nos estados brasileiros em maio de 2020.	63

Imagem 29 - Fotos das vítimas da Covid aparecem no telão de vidro ao fundo de Mônica Teixeira.	65
Imagem 30 - Encerramento da edição com o telão de fundo da redação prestando homenagem às vítimas.	65
Imagem 31 - Editorial do JN sobre as 50 mil mortes por Covid-19.	66
Imagem 32 - Paciente recuperado recebendo alta de hospital no Ceará.	70
Imagem 33 - Vídeo amador de paciente sendo internada em hospital no Ceará.	70
Imagem 34 - Artigo 196 da Constituição Federal de 1988.	70
Imagem 35 - Fotos das vítimas no telão ao fundo de Vasconcellos e Bonner.	71
Imagem 36 - Profissional da saúde manuseando uma unidade manual de respiração artificial.	73
Imagem 37 - Dados de mortes por Covid-19 no Brasil.	74
Imagem 38 - A linha do tempo da evolução de mortes por Covid-19 no Brasil.	75
Imagem 39 - Transições com cenas de imagens religiosas.	76
Imagem 40 - Passagem do repórter Pedro Bassan.	76
Imagem 41 - Dados sobre a eficácia da CoronaVac nos voluntários.	77
Imagem 42 - Homenagem do JN às vítimas da Covid-19.	79
Imagem 43 - Fotos das vítimas no telão de vidro ao fundo de Bonner.	80
Imagem 44 - Fotos das vítimas estão à direita do telão.	80
Imagem 45 - Linha do tempo da evolução dos óbitos por Covid-19 no Brasil.	80
Imagem 46 - Paciente sendo removido da maca para o leito.	81
Imagem 47 - Paciente chegando ao hospital.	81
Imagem 48 - Ilustração gráfica da vacina contra a Covid.	82
Imagem 49 - Fim do primeiro bloco da edição.	82
Imagem 50 - Manuela.	83
Imagem 51 - Quadro que abre a edição.	84
Imagem 52 - Quadro que abre a edição.	84
Imagem 53 - Cenas aéreas de covas abertas em cemitérios.	84
Imagem 54 - Print's de postagens em redes sociais digitais de partidos políticos sobre as 500 mil mortes.	84
Imagem 55 - Fernando Pinheiro, de 54 anos, vítima da Covid.	87
Imagem 56 - Elizabete Martins da Silva, mãe da vítima da Covid Sheila Cristina da Silva.	87

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Taxas de mortalidade por Covid-19 por nível de escolaridade em pessoas com 18 anos ou mais (Brasil, 2020-21).	20
Tabela 2 - Taxas de mortalidade por Covid-19 por sexo e faixa etária (Brasil, 2020-21).	20
Tabela 3 - Quadro de funções das tecnologias	41
Tabela 4 - Detalhes da amostra da pesquisa	51
Tabela 5 - Itens de mapeamento da amostra.	52
Tabela 6 - Ficha catalográfica da amostra	53
Tabela 7 - Ficha de análise da amostra	53
Tabela 8 - Objetivos específicos e questões-eixos de interpretação	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 - PANDEMIA, MORTE E O ACONTECIMENTO NA MÍDIA</b>	<b>18</b>
1.1 Covid-19, tempo do vírus e a cobertura da mídia	19
1.2 A crise sanitária no cenário brasileiro	25
1.3 A morte e a pandemia	29
<b>CAPÍTULO 2 - AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO EM TEMPOS EXTREMOS</b>	<b>34</b>
2.1 Imagem e imaginário	35
2.2 As tecnologias do imaginário (TIM)	40
2.3 O Jornal Nacional (JN) em tempos de pandemia	44
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA</b>	<b>49</b>
3.1 Percurso metodológico	50
3.1.1 Método e objeto	50
3.1.2 Amostra e corpus de pesquisa	51
3.1.3 Pré-teste e resultados parciais	54
3.1.4 Novos eixos de interpretação do corpus	58
<b>CAPÍTULO 4 - O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA</b>	<b>59</b>
<b>4.1 A cobertura do número de mortes por Covid-19 no JN</b>	<b>60</b>
<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE A -</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE B -</b>	<b>102</b>

## INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 acarretou profundas mudanças no mundo, a ponto de alguns autores afirmarem que o acontecimento marca o início do século XXI (SCHWARCZ, 2020; SANTOS, 2021). Ainda estamos avaliando os impactos do fenômeno que alterou radicalmente o cotidiano e as relações sociais em escala planetária. De um lado, o isolamento das pessoas; de outro, a intensificação da vida no meio digital. Para além de uma questão biológica, o novo coronavírus mobilizou um aparato tecnológico, científico, social e discursivo. Podemos afirmar que o vírus é um constructo simbólico agenciado por várias esferas, principalmente a midiática, mas, também a instância política e possui camadas complexas que envolvem mais que uma compreensão universalista<sup>1</sup> de saúde e doença (MATTA *et al*, 2021).

O caráter disruptivo da pandemia se evidenciou à medida em que alterou o cotidiano, reconfigurando as formas de lidar com as temporalidades. A sensação de “vida estagnada” ocorreu para aqueles que puderam se isolar e realizar as atividades cotidianas em casa. Mas para os que se expuseram ao risco de contaminação por necessidade, o risco de morte se tornou parte da rotina diária. Até o momento em que escrevemos este texto<sup>2</sup>, já são mais de 6,8 milhões de pessoas mortas por Covid-19 no mundo (OMS, 2023). Números que passaram a “ditar” a forma como lidamos com o acontecimento e seus impactos.

A doença despertou o medo da contaminação, afastou as pessoas do convívio ordinário e aprofundou as diferenças socioeconômicas, provando que o vírus não é "democrático" (FIGUEIREDO *et al*, 2020; MATTA *et al*, 2021; SZWARCZ *et al*, 2022). Embora a doença continue matando, mesmo que em menor escala, depois de quase três anos,<sup>3</sup> encontramos na divisão de temporalidades: o antes e o depois do SARS-CoV-2. No entanto, ainda não temos o

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, Matta *et al* (2021, p. 15-16) pontuam: “A escala global [da pandemia de Covid-19], no entanto, não significa que se trate de um fenômeno universal e homogêneo. É possível estabelecer padrões, identificar seu patógeno, compreender a sua mecânica biológica e sua transmissibilidade. Mas um vírus sozinho não faz pandemia, tampouco explica o processo saúde e doença presente em diferentes contextos. (...) A crítica à concepção universalista sobre os sujeitos sociais, o espaço e o movimento considera a necessidade de estabelecer relações com outros marcadores sociais, como raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios e dinâmica social e econômica. Ou seja, analisar e intervir sobre os fenômenos decorrentes da circulação e transmissão do Sars-CoV-2 não se resume a identificar o vírus, compreender sua disseminação e controlá-lo. A colocação em cena da Covid-19 em diferentes contextos, espaços e linguagens, especialmente em situações de extrema desigualdade socio sanitária, expõe a multiplicidade e especificidade do fenômeno pandêmico desde sua dimensão macrossocial até a capilaridade micropolítica nas formas e estratégias de produção do cotidiano”.

<sup>2</sup> Fevereiro de 2023. Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

<sup>3</sup> A OMS declarou o estado de pandemia da Covid-19 em 11 de março de 2020.

afastamento temporal e histórico que permita reconhecer as rupturas causadas e suas consequências. Entretanto, é possível afirmar que o mundo não é o mesmo após a Covid-19.

O novo vírus impôs diversas mudanças no cotidiano como o isolamento físico, a hiper-higienização de objetos e corpos e o uso de equipamentos de alta segurança. Na esfera social, as práticas de controle de espaços e o monitoramento das pessoas foram exacerbadas. Além disso, criaram-se protocolos de contenção e espaços de tratamento específicos para infectados e doentes. Somente no Brasil os números ultrapassam as 699 mil vítimas fatais, marca que nos coloca como o segundo país com mais mortes pela doença, atrás somente dos EUA com mais de um milhão de mortos (OMS, 2023).

No Brasil, contrariando o discurso da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da comunidade científica, o Governo Federal estimulou o desrespeito às normas de controle sanitário e propagandeou medicamentos ineficazes (Hidroxicloroquina, Ivermectina, entre outros) no combate à Covid-19. O então presidente Jair Bolsonaro também travou uma guerra de narrativas com a imprensa e a ciência (SOUZA; GOMES, 2021). Ainda em 2020, o Ministério da Saúde decidiu atrasar os dados sobre a pandemia no país como forma de impedir que os mesmos fossem noticiados nos telejornais da noite. Em uma ação inédita, seis veículos de imprensa se reuniram para realizar a coleta dos dados e disponibilizá-los diariamente à população (FOLHA DE S. PAULO, 2020). Passamos então, a acompanhar por meio da cobertura jornalística, os desdobramentos da pandemia e os números alcançados diariamente.

Diante da complexidade do acontecimento pandêmico, é preciso transformar a catástrofe em um discurso acessível à maioria da população como o uso dos números em matérias. Gráficos, planilhas, códigos, termos técnicos, média móvel, índice de transmissão, porcentagem da população infectada, foram recursos utilizados para ilustrar as consequências de um mal até então desconhecido. E em pouco mais de dois anos de pandemia, a população brasileira se acostumou a compreender a trajetória do vírus por meio dos números divulgados nos noticiários diariamente (CALEFFI; PEREIRA, 2021).

O uso dos dados no jornalismo não é algo novo, mas se tornou fundamental no telejornalismo para dar a dimensão da tragédia, representando a realidade e os estágios (ou fases) da crise sanitária. A diferença na relação atual do telejornalismo com os dados, é a de que a “notícia, dessa vez, está intimamente ligada aos números” (CALEFFI; PEREIRA; 2021, p. 25) porque eles têm servido como “termômetro” e auxiliado na compreensão do fenômeno em curso.

Sendo o telejornal de maior audiência no país, o *Jornal Nacional (JN)* já noticiava os desdobramentos do novo coronavírus pelo mundo antes da pandemia ser decretada em março de 2020. Ao assumir as fontes científicas como legítimas para as produções telejornalísticas, o *Jornal Nacional* foi de encontro à narrativa negacionista do Governo Federal no combate à Covid-19 e sofreu, por diversas vezes, ataques por parte de Jair Bolsonaro e seus apoiadores<sup>4</sup>. Portanto, o *JN* é o objeto de nossa pesquisa devido a sua relevância histórica e social<sup>5</sup> e cobertura jornalística durante a crise pandêmica.

Os números da Covid-19 no telejornal ocuparam os mesmos espaços destinados às imagens, aos textos e aos sons das reportagens, ilustrando a realidade e dimensionando a tragédia. Devido à imprevisibilidade do vírus, os números funcionavam como balizadores do cotidiano e, a partir deles, os comportamentos e estados de espírito se modificavam. Dessa forma, nos questionamos: como a cobertura telejornalística do número de mortes em decorrência da Covid-19 interfere no imaginário da pandemia? Para responder a esta pergunta, utilizamos a abordagem teórica da Socioantropologia do imaginário (MAFFESOLI, 2001; 2020; SILVA, 2009, 2020; GOMES, 2017) na interface com a Comunicação. Para a análise do produto telejornalístico, utilizamos o método da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016).

A amostra da pesquisa consiste em dez edições do *JN* que têm como ponto de partida a chegada às marcas de mortes pela Covid-19 no país: da primeira morte às de 5 mil, 10 mil, 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil, 400 mil, 500 mil e 600 mil mortes. As edições selecionadas compreendem as temporalidades de cada momento da crise no país. Em 2020, a ambiência era imprevisível e possuía um certo “temor” devido aos riscos do vírus. Em 2021, os riscos eram conhecidos e a aplicação da vacina era uma realidade. Portanto, cada edição foi selecionada observando as especificidades temporais dos dois momentos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os sentidos evocados pelo *JN* sobre a pandemia, a partir da cobertura do número de mortes por Covid-19 no país. Como objetivos específicos, pretendemos: **(a)** verificar as diferenças e semelhanças na cobertura da Covid-19 entre dez edições do *JN*: da primeira morte às de 5 mil, 10 mil, 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil, 400 mil, 500 mil e 600 mil mortes; **(b)** analisar como o *JN* apresenta o número de mortes da Covid-19 ao longo das edições; e **(c)** analisar quais as estratégias utilizadas pelo *JN* para dimensionar a pandemia e informar o público sobre o risco e a tragédia em curso. O *corpus* é composto por 45

---

<sup>4</sup> Quando questionado sobre o atraso na divulgação dos dados da pandemia, o ex-presidente Jair Bolsonaro respondeu: “Acabou matéria no Jornal Nacional”. “Ninguém tem que correr para atender a Globo”, completou (UOL, 2020).

<sup>5</sup> É o telejornal com mais tempo no ar, desde 1969. E também é o primeiro em audiência no segmento.



ocorrências das dez edições (notas, editoriais, reportagens, quadros temáticos) que possuem relação com a temática da morte por Covid-19.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro se dedica à “pandemia, morte e o acontecimento na mídia”. É uma introdução à temática do acontecimento pandêmico e seus desdobramentos; bem como as crises causadas, a produção de sentidos na mídia e a midiatização do número de mortes. Abordamos a noção de morte a partir de Morin (1997) e analisamos como o evento ocorreu na mídia, partindo das noções de Barbosa (2017) e Hartog (2013).

O segundo capítulo teórico se intitula “Tecnologias do imaginário em tempos extremos” e abordamos as noções de imagem (ANAZ, 2020; CIQUINI, 2020), imaginário (MAFFESOLI, 2001; 2021) e tecnologias do imaginário (SILVA, 2009; 2020). Discutimos como o telejornalismo modula o imaginário coletivo, a partir de seu modo próprio de operar.

O terceiro capítulo consiste na descrição do percurso metodológico da pesquisa. Abordamos a metodologia utilizada na análise dos dados que é a Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) (COUTINHO, 2016). A AMA é um método complexo e compreensivo que analisa o produto telejornalístico, preservando a sua unidade: texto+som+imagem+tempo+edição. O quarto capítulo é dedicado à análise dos resultados obtidos na pesquisa.

Observamos que o *JN* compreendeu a pandemia da Covid-19 como uma tragédia nacional, atribuindo-lhe os sentidos catastrófico e bélico. As consequências da pandemia foram dimensionadas por meio de dados em gráficos. A cronologia do acontecimento pandêmico passou a figurar nos números que demonstravam seus avanços e retrocessos. Paradoxalmente, o dispositivo cobrou que não houvesse anestesiamento diante de tais números, humanizando-os com rostos, perfis e histórias de vida. Como estratégia, O *JN* reiterou o discurso científico e os aconselhamentos da OMS, a fim de conscientizar seus telespectadores da importância de manter os cuidados e de aderir à vacinação.

Com a ruptura causada pelo novo coronavírus no estilo de vida pós-moderno, a morte foi constantemente lembrada no telejornalismo. As tecnologias do imaginário possuem a capacidade de capturar as principais afetações sociais e as evidenciar. A morte por Covid-19 significou a possibilidade de diversas pessoas perderem suas individualidades. O *Jornal Nacional* dedicou a maior parte do tempo de cobertura à temática da pandemia, porque o risco de morte estava imbricado pelo temor da morte, pela angústia da finitude. Assim, acreditamos que o imaginário da pandemia da Covid-19 também está imbricado às imagens telejornalísticas do evento pandêmico.

## **CAPÍTULO 1 - PANDEMIA, MORTE E O ACONTECIMENTO NA MÍDIA**

## 1.1 Covid-19, tempo do vírus e a cobertura da mídia

China, dezembro de 2019. Os primeiros casos do novo coronavírus surgem no mercado central de Wuhan, capital de Hubei, maior província chinesa. Tratado no primeiro momento como um surto de pneumonia, o SARS-CoV-2<sup>6</sup> (vírus causador da Covid-19) foi identificado e classificado, pelas autoridades chinesas, como nova cepa (tipo) do coronavírus em janeiro de 2020. No mesmo mês, foi confirmada a primeira morte por Covid-19<sup>7</sup> na China e também o primeiro caso letal da doença no mundo (OPAS, n.p).

À medida em que o vírus se espalhava, países asiáticos e de outros continentes criaram protocolos e intensificaram o controle sobre os tráfegos aéreo e terrestre vindos de zonas de risco. Passageiros que desembarcavam, logo após viajarem a Wuhan, começaram a ser monitorados pelos governos locais. As máscaras passaram a ser obrigatórias, e a cidade chinesa ficou isolada do mundo (CORREIO BRAZILIENSE, 2020). O vírus se espalhou por outros países, fazendo com que a OMS (2020) declarasse que o surto global se tratava de uma “emergência de saúde pública de importância internacional” (ESPII).

No dia 11 de março de 2020, a OMS declarou a pandemia<sup>8</sup> do novo coronavírus. Conforme a crise seguia o curso, o conhecimento sobre o SARS-CoV-2 evoluía e, ainda no primeiro semestre de 2020, era possível notar que não se tratava apenas de uma “gripezinha”, como defendeu o então presidente brasileiro Jair Bolsonaro por duas vezes<sup>9</sup>. Antes, pensava-se que o novo vírus acometia somente pessoas idosas e que possuíam algum tipo de comorbidade, mas no decorrer da crise, vimos pessoas jovens e sem histórico de doenças graves morrendo em função da Covid. Sabemos que além dos pulmões, a doença compromete outros órgãos vitais como cérebro, coração, fígado e

---

<sup>6</sup> De acordo com a Organização Pan-americana da Saúde: “ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV)s já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoVHKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19” (OPAS, web, s/p).

<sup>7</sup> De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2021), COVID significa: (CO)rona (VI)rus (D)isease (Doença do Coronavírus) e o 19 está relacionado ao ano de 2019, período em que os primeiros casos surgiram. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

<sup>8</sup> Matta *et al* (2021, p. 15) definem Pandemia como: “um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte. Mas tais surtos não são iguais. Cada um deles pode ter intensidades, qualidades e formas de agravo muito distintas e estabelece relações com as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou mesmo individuais. Uma pandemia pode até mesmo se tornar evento em escala global”.

<sup>9</sup> BBC. “2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 15 set. 2022.

rins (BBC, 2021). Pacientes também relatam o prolongamento dos sintomas como as perdas do paladar e olfato, a memória debilitada, fadiga e dores no corpo, mesmo após a recuperação.

Pensar a problemática da pandemia apenas do ponto de vista biomédico é, além de universalista, insuficiente para compreender as consequências dos dois primeiros anos da crise. Pesquisadores defendem que os impactos do vírus nos corpos e nas economias globais não demonstram o quanto o acontecimento debilitou a sociedade. Matta *et al* (2021, p. 20) alertam para outros problemas intensificados pela crise sanitária que permanecerão: “em conjunto, esses aspectos (de isolamento físico e social) podem impactar a saúde mental da população brasileira, aumentando o risco de emergência de sinais e sintomas relacionados à ansiedade e à depressão”.

O fenômeno infeccioso (MATTA *et al.*, 2021) escancarou as mazelas causadas por uma política da morte (MBEMBE, 2018; BERCITO, 2020) moderna ainda vigente, fruto do pensamento racionalista que ignora e destrói a natureza desde a era colonial (SANTOS, 2021). Os dados demonstram que pobres, negros, idosos e analfabetos (tabelas 1 e 2) foram os mais atingidos pela crise sanitária (DEMENECH *et al.*, 2020; FIGUEIREDO *et al.*, 2020; SZWARCOWALD *et al.*, 2022); e os países mais ricos foram privilegiados na produção e distribuição das vacinas (AGÊNCIA BRASIL, 2021). Os índices de mortalidade entre esses marcadores sociais foram os mais altos em 2020-21 (SZWARCOWALD *et al.*, 2022), contrapondo o discurso propalado de que o vírus era “democrático”.

**Tabela 1** - Taxas de mortalidade por Covid-19 por nível de escolaridade em pessoas com 18 anos ou mais (Brasil, 2020-21).

Educational Level	COVID-19 Mortality Rate (/10,000)
Illiterate	38.8
Incomplete elementary school	23.2
Complete elementary school	25.0
Finished high school	14.4
Finished college education	13.0
Total	19.8

**Fonte:** Szwarcwald *et al* (2022, p. 04).

**Tabela 2** - Taxas de mortalidade por Covid-19 por sexo e faixa etária (Brasil, 2020-21).

Age-group	COVID-19 Mortality Rates (/10,000)			Sex Ratio
	Males	Females	Total	
0-9	0.3	0.3	0.3	1.06
10-19	0.2	0.2	0.2	0.89
20-29	1.3	1.2	1.2	1.11
30-39	5.0	3.3	4.2	1.49
40-49	12.3	7.7	10.0	1.59
50-59	26.6	17.0	21.6	1.56
60-69	52.6	34.6	43.0	1.52
70-79	107.8	64.7	83.5	1.67
80-89	198.6	117.6	149.0	1.69
90+	287.9	176.9	212.3	1.63
Total	16.9	12.9	14.8	1.31

**Fonte:** Szwarcwald *et al* (2022, p. 04).

Os problemas intensificados pelo vírus retomam um antigo questionamento: "Qual será o futuro da humanidade?". A pergunta nos situa na ruptura temporal provocada pelo novo coronavírus, criadora de dois mundos: um pré e outro pós-Covid. Mesmo não podendo afirmar se as mudanças causadas pelo SARS-CoV-2 permanecerão no mundo pós-pandêmico, podemos pontuar que a sociedade pré-Covid, assim como a pós-Covid<sup>10</sup>, são marcadas pelo imediatismo e fluidez, por um instantâneo que serve de motor para a humanidade e suas rotinas diárias<sup>11</sup>, isto é, a informação.

Com o isolamento físico, o cotidiano foi afetado, as pessoas passaram a ter a sensação de desaceleração do tempo e o “presente da vida comum” (HARTOG, 2021, p. 09) foi suspenso. Instaurou-se o “tempo do vírus”, completamente imprevisível, que necessitava de respostas rápidas, detinha toda a atenção do mundo para si e possuía uma aura carregada de riscos. Esse “regime de historicidade”<sup>12</sup> (HARTOG, 2013) condicionado pelo vírus, exacerbou o imediato e conduziu à necessidade de informações rápidas e precisas. Assim, tempo do vírus e “tempo midiático” estiveram imbricados.

<sup>10</sup> Um dos vestígios que a Covid-19 deixará na sociedade é o consumo exacerbado das tecnologias de ponta. A Internet já era uma marca das novas gerações antes da pandemia, mas devido a necessidade sanitária foi intensificada.

<sup>11</sup> O nosso objetivo nesta pesquisa não é de apresentar as mudanças ou mesmo projetar possíveis futuros para a humanidade num “mundo pós-pandêmico”. Compreendemos como necessária a percepção de temporalidade, nesse sentido, porque acreditamos ser fundamental situarmos o nosso objeto no acontecimento, no tempo do vírus, apontando as cargas simbólicas por ele produzidas, que não deixam de nos afetar.

<sup>12</sup> A noção de “regime de historicidade” foi criada pelo historiador francês François Hartog. A noção é uma ferramenta heurística que “deve ajudar a elucidar a relação com o tempo das sociedades estudadas privilegiando os momentos de crise, de falha, de brecha aberta entre passado e presente” (DOSSE, 2013, p. 324-325).

Partindo da noção de “presentismo”<sup>13</sup>, de François Hartog (2013), Marialva Barbosa (2017) pensa nas relações de tempo histórico e midiático. Devido ao progresso das tecnologias digitais e às novas formas de se comunicar, a velocidade com que a informação nos atinge reitera a duração do tempo presente, tornando-o “ultraestendido” (BARBOSA, 2017, p. 33). Esses novos formatos criam, conforme a autora, um tempo midiático.

[...] qualquer instante se transforma em tempo de frenesi que dura continuamente [...]. Esse presentismo nos meios de comunicação é marcado pelo fluxo contínuo da informação, instaurando um tempo novo governado pela lógica do ininterrupto. É o tempo do fluxo que emerge das narrativas, notadamente no ambiente on-line, não permitindo a pausa necessária para a reflexão (BARBOSA, 2017, p. 20-21).

O tempo contemporâneo é ditado pelo fluxo informativo dos meios de comunicação. Há a necessidade de nos mantermos informados constantemente, sempre atualizando as informações e buscando por novidades. Vivemos no “tempo das mídias” que funciona numa espécie de “estágio meteorológico da informação”

que nada mais tem a ver com a imprevisibilidade dos elementos, dos ventos e das intempéries, mas com a indemonstrabilidade inconsciente oriunda da própria perfeição do cálculo e da informação (BAUDRILLARD, 1997, p. 60).

Se o vírus impôs o isolamento físico, por outro lado, houve a intensa conexão das pessoas nas redes. Tivemos que nos adaptar ao “novo normal”<sup>14</sup> das transmissões via aplicativos digitais e a dialogar por meio de plataformas de interação *online*: festas, aulas, shows, relações sociais e até o sexo, isto é, os rituais cotidianos passaram a figurar intensamente nas telas digitais.

Em termos de experiências pandêmicas, a crise da Covid-19 possui o diferencial da espontaneidade da informação - obviamente - que o “solo social”<sup>15</sup> contemporâneo proporciona. Mas além da *internet*, os demais dispositivos também foram fundamentais para acompanhar os avanços do vírus. Desde dezembro de 2019, quando surgiram os primeiros casos, temos acompanhado a crise por meio dos noticiários informativos quase que de forma simultânea.

---

<sup>13</sup> Na concepção de Hartog, nessa ordem, ou desordem, o presente prepondera o *locus* de importância, o passado ainda é utilizado como forma de lembrar, e o futuro é tratado como uma ameaça (HARTOG, 2013).

<sup>14</sup> Expressão utilizada durante a pandemia de Covid-19 para explicar as mudanças provocadas com a chegada do vírus. Rotinas, diálogos, trabalhos, rituais, cerimônias, festividades, etc., tudo perpassado pela tecnologia e o distanciamento provocado pelo vírus. Embora o termo tenha sido cunhado com a finalidade de explicar essas modificações cotidianas, acreditamos que “comum” seria mais apropriado por estar associado à ruptura no cotidiano e não na “normatividade”.

<sup>15</sup> Em referência ao pensamento de Muniz Sodré sobre “bios virtual”.

As imagens dos primeiros casos de coronavírus em Wuhan logo surgiram nos noticiários (imagens 1 e 2). Zonas de contenção, hospitais, lugares vazios e a redução no fluxo de pessoas passaram a ser uma experiência compartilhada mundialmente sem que o vírus já tivesse sido detectado em todos os lugares, portanto, nos afetando antes do tempo.

**Imagem 1** - Mercado central de Wuhan vazio.



**Fonte:** *Globoplay (Jornal Nacional, JN, jun., 2021).*

**Imagem 2** - Sala de hospital com pacientes internados em Wuhan.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jan., 2020).*

A cobertura noticiosa mesclou os tempos cotidiano, midiático<sup>16</sup> e pandêmico. Ao transportar o acontecimento para o espaço virtualizado da informação, a mídia construiu um paradoxo no tempo: uma vida digital ultra rápida e uma vida física desacelerada. A vida no mundo digital seguia o fluxo “ultraestendido” (BARBOSA, 2017) do espontâneo - com as interações e os ritos cotidianos passando a figurar na *internet*, conforme já mencionado. Já a vida no mundo “não digital”

---

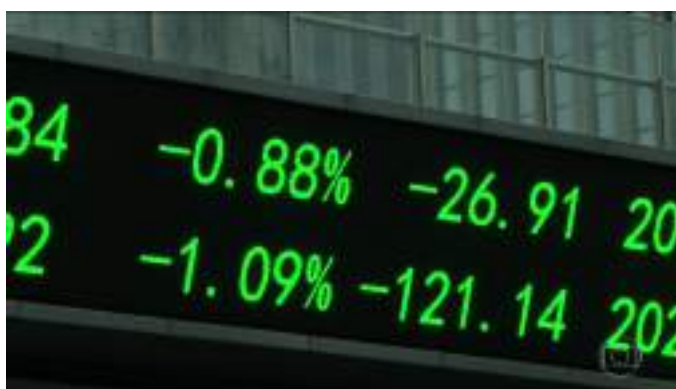
<sup>16</sup> Tratamos aqui a ideia de imbricação entre tempos midiático e viral, mas compreendemos que os meios de comunicação já haviam integrado o tempo cotidiano à lógica informacional. A questão aqui é a compreensão da crise sanitária da Covid-19 a partir da mídia, o tempo do vírus sendo vivenciado por meio da cobertura midiática.

acompanhava o tempo do vírus: mais lento e sem o compartilhamento de afetos de forma orgânica. Pelas janelas de casa e nos noticiários, a vida estava parada, mas ganhava novos contornos nas “janelas” dos dispositivos digitais.

Os noticiários trataram a crise como uma tragédia com risco iminente de morte. Logo nos primeiros meses, a cobertura midiática usou elementos que foram incorporados à “imagem” do evento pandêmico: gráficos, números e previsões. O *Jornal Nacional (JN)*, objeto desta pesquisa, cobriu os primeiros relatos de infectados pelo vírus na China e os primeiros casos notificados no Brasil.

Citamos como exemplo a edição de 27 de janeiro de 2020<sup>17</sup>, quando a OMS alterou a gravidade do risco do novo vírus para “alto”. O telejornal dedicou três minutos e trinta e nove segundos ao assunto em uma reportagem. As imagens utilizadas na peça<sup>18</sup> apresentavam lugares vazios, pessoas com máscaras e em isolamento, hospitais com pacientes internados e os números da Bolsa de Valores “respondendo” aos riscos do vírus em escala global (imagem 3). A peça também ressalta as preocupações com os investimentos em setores como o turismo e a indústria. Compreendemos a peça como um exemplo do que citamos anteriormente sobre a informação ser o “solo” da “nova geografia” e ditar o fluxo temporal da sociedade contemporânea.

**Imagem 3** - Número da Bolsa de Valores em resposta à declaração da OMS sobre os altos riscos do novo coronavírus.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jan., 2020).*

<sup>17</sup> *JORNAL NACIONAL. JN.* Reportagem: “OMS altera risco internacional do coronavírus de moderado para alto”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8270541/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

<sup>18</sup> “Peça” e “ocorrência” são os termos empregados no material analisado. Nesse caso, estamos nos referindo à reportagem da edição. Mas poderá ser também uma nota, editorial, quadro temático, etc.



A partir das telas do telejornal, pudemos vivenciar a tragédia sem que estivéssemos necessariamente presentes nos cenários evidenciados pelo dispositivo. Daí a importância de pensar a participação dos meios de comunicação e, mais especificamente o telejornalismo, na produção do imaginário social da crise pandêmica, já que a forma como experienciamos o acontecimento está imbricada ao modo como o dispositivo telejornalístico noticia a pandemia.

## 1.2 A crise sanitária no cenário brasileiro

O acesso às informações sobre a condição do país se tornou um grande desafio em meio ao cenário de incerteza e despreparo provocado pelo novo coronavírus. Tanto o Estado como a imprensa deveriam informar o que estava acontecendo diariamente e combater um inimigo tão perigoso quanto o vírus: a desinformação. Além da doença e das *Fake News*<sup>19</sup>, os jornalistas tiveram outros embates. No Brasil, a imprensa sofreu ataques por parte do então presidente Jair Bolsonaro e de seus apoiadores devido à cobertura da crise sanitária.

No dia 17 de março de 2020, foi noticiada a primeira morte pela doença no país. A “gripezinha”, responsável até o momento<sup>20</sup> pela morte de mais de 699 mil pessoas somente no país, encontrou um contexto de crise política e econômica complexo. O Governo Federal tratou a crise sanitária como uma questão ideológica, posicionando-se de forma negacionista.

Além de minimizar os impactos da doença nos primeiros meses de 2020 (imagem 4), em junho, o Governo Federal optou por atrasar a divulgação dos dados da pandemia no país sob o pretexto de que os levantamentos diários demandavam mais atenção e cuidado antes da publicação. Na ocasião, o governo decidiu que os boletins sairiam a partir das 22 horas, o que atrasaria a cobertura de telejornais sobre os dados, por exemplo. Embora essa tenha sido a declaração do Ministério da Saúde (MS) referente ao atraso, antes os dados estavam sendo disponibilizados às 19 horas sem nenhum problema no levantamento.

---

<sup>19</sup> Traduzido para “notícias falsas” em português, as informações falsas disseminadas nas redes sociais digitais como “notícias”, existem desde muito antes da pandemia de Covid-19. A temática vem sendo pesquisada principalmente após as eleições presidenciais nos EUA, em 2016, e no Brasil, em 2018. O termo foi criado pelo ex-presidente dos EUA, Donald Trump, para atacar a imprensa estadunidense que cobria falas e acontecimentos sobre ele. Não há um consenso entre teóricos da Comunicação quanto a terminologia ser correta devido aos critérios jornalísticos que estabelecem o que é uma notícia. Nesta pesquisa, abordaremos o termo de forma crítica porque não concordamos com o seu sentido, já que para ser “news” não pode ser “fake”.

<sup>20</sup> Fevereiro de 2023.

**Imagem 4** - Entrevista de Bolsonaro quando o Brasil atingiu a marca dos 5 mil mortos, ultrapassando a China.



**Fonte:** UOL (abr., 2020).

Quando questionado pessoalmente sobre o assunto, o então presidente Jair Bolsonaro afirmou: “Acabou matéria no Jornal Nacional” e “Ninguém tem que correr para atender a Globo”, completou (UOL, 2020). As declarações de Bolsonaro tratavam a cobertura da imprensa - mais ferozmente a de jornalista e produtos jornalísticos da emissora Globo e do jornal Folha de S.Paulo -, como um alarde, uma espécie de “neurose” (imagem 5).

**Imagem 5** - Brasil atinge 10 mil mortos por Covid-19 e Bolsonaro passeia de jet ski.



**Fonte:** Globoplay (JN, mai., 2020).

Havendo continuidade no atraso da publicação de dados pelo Ministério da Saúde, em uma ação inédita, seis veículos de comunicação (O Estado de S.Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S.Paulo e UOL) se reuniram em um consórcio<sup>21</sup> para coletar dados sobre a Covid-19 no país, a

<sup>21</sup> O Consórcio de Veículos de Imprensa encerrou suas atividades em janeiro de 2023. PORTAL G1. “Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

partir das Secretarias Estaduais de Saúde e disponibilizá-los diariamente à população (FOLHA DE S.PAULO, 2020). Os dados levantados e publicados pelo grupo fizeram com que o trabalho jornalístico assumisse mais um papel: a grande imprensa se tornou fonte e mediadora das informações. Por meio do levantamento, começamos a compreender os desdobramentos da doença no país através dos dados.

Em maio de 2020, atingimos os dez mil mortos e nos meses seguintes, os números se tornaram alarmantes: em junho foram 50 mil, em agosto 100 mil e em outubro, 150 mil mortos. O primeiro ano da pandemia encerrou com quase 200 mil vítimas pela doença e em 2021, o cenário prometia ser mais caótico, apesar de a vacina já estar sendo aplicada em alguns países.

Em janeiro de 2021, no auge da segunda onda da pandemia<sup>22</sup>, dezenas de pessoas morreram por falta de oxigênio nos hospitais de Manaus (AM) e em outros estados brasileiros<sup>23</sup>. Uma cena de terror captada por câmeras de celulares de profissionais e familiares de doentes dentro dos estabelecimentos de saúde. Cenários de angústia e desespero, explorados ao máximo pelos noticiários, causaram aflição em quem se mantinha informado sobre a situação da pandemia no país (imagens 6 e 7). Ainda assim, o então presidente da república negava os fatos e desdenhava das mortes<sup>24</sup>.

### **Imagem 6 - Cemitério de Manaus (AM) funcionando à noite para dar conta da alta demanda de sepultamentos**

---

<sup>22</sup> De acordo com SZWARCOWALD *et al* (2022, p. 06), o Brasil passou por três grandes ondas da crise da COVID-19, entre março de 2020 e abril de 2022.

<sup>23</sup> Na gestão Bolsonaro, a pasta do Ministério da Saúde (MS) foi comandada por quatro pessoas. Dois dos ex-ministros da saúde, os médicos Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, saíram porque agiam diferente das atitudes do ex-presidente quanto ao isolamento físico e tratamento precoce contra a Covid-19. Mandetta ocupou o MS de 1º de janeiro de 2019 a 16 de abril de 2020. Teich ocupou de 17 de abril a 15 de maio de 2020. Após quase quatro meses sem líder no MS, o terceiro a ocupar a pasta foi o general da ativa do Exército, Eduardo Pazuello, que ficou de 16 de setembro de 2020 a 15 de março de 2021. Diferente dos outros ex-ministros, Pazuello concordava com o posicionamento da Presidência da República e sob sua gestão autorizou o uso de medicamentos do “kit-Covid”, foi omissivo quanto à compra de vacinas e é um dos investigados na CPI da Covid no Senado Federal. O quarto e último ministro do governo Bolsonaro foi Marcelo Queiroga, que entrou após a CPI do Senado indicar os problemas da gestão da pandemia. Médico de formação, Queiroga foi responsável por restabelecer o controle da crise, comandar a vacinação e tentar amenizar os problemas causados pela instabilidade no Ministério. Assim como Pazuello, Queiroga também foi criticado durante a gestão.

<sup>24</sup> Em 18 de março de 2021, o presidente fez uma live em seus perfis nas redes sociais imitando uma pessoa com Covid-19 com falta de ar. UOL. “Bolsonaro imita falta de ar para criticar medidas de Mandetta quando era ministro; veja o vídeo”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g4K\\_WlfUhuI](https://www.youtube.com/watch?v=g4K_WlfUhuI). Acesso em: 26 set. 2022.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020)*

**Imagem 7** - Hospital em Manaus (AM) recebendo paciente acometido pela Covid



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020)*

O segundo ano da pandemia aumentou a sensação de risco de morte. Em março, o número chegou às quatro mil vítimas por dia (SZWARCWALD *et al.*, 2022) e tínhamos alcançado mais de 300 mil mortes pela doença. Naquele momento, o Governo Federal decidiu alterar o discurso sobre a pandemia e montou um comitê de combate à Covid-19 (um ano após a declaração da OMS que estabelecia a pandemia no mundo). Com o foco na vacinação da população, o governo ainda criticava os imunizantes, e respondia às denúncias na “CPI da Covid” instaurada pelo Senado Federal<sup>25</sup>. Com a falta de um planejamento nacional e de respostas rápidas à crise, em abril atingimos 400 mil mortes; em junho, 500 mil; e em outubro, 600 mil, mesmo com a aplicação dos imunizantes.

<sup>25</sup> Criada em 13 de abril de 2021, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, instaurada pelo Senado Federal, apurou irregularidades na contratação de empresas para a compra de vacinas, promovida pelo Governo Federal. Ver em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>.

Nesse momento de ruptura no tempo, a morte foi um sentimento compartilhado por diversas pessoas. Independentemente de compartilhar ou não as individualidades dos que se foram, a morte do outro foi vivida por quem consumiu informação sobre o SARS-CoV-2. Os meios de comunicação tiveram um papel importante nesse processo porque evidenciaram os riscos de infecção pelo novo vírus.

A cronologia da crise, assim como seus impactos, foi dimensionada pelos números de mortos alcançados diariamente. O registro realizado pelos dispositivos de comunicação e, principalmente pelo telejornalismo, apresentou o avanço da doença a partir dos dados, procurando representar os impactos do vírus e sensibilizar (como veremos nos próximos capítulos) aqueles e aquelas que se informavam sobre o curso da crise.

### **1.3 A morte e a pandemia**

Permitam-me abrir parênteses para contar uma história que ocorreu entre os anos de 2018-19, quando realizei pesquisa como bolsista de iniciação científica financiada pelo CNPq, sob orientação da antropóloga e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Emilene Leite de Sousa. Há cerca de quatro-cinco anos, pude ter contato pela primeira vez com uma aldeia indígena. Eram os Gavião/Pyrhcop Catiji, do município de Amarante, Aldeia do Governador, localizada no interior do estado do Maranhão. A pesquisa<sup>26</sup> tinha como foco os rituais, os ornamentos e as pinturas corporais do grupo étnico. Era a primeira vez que tinha contato com a pesquisa científica e também a primeira vez que estudava sobre corpo e cultura dos povos originários.

O que quero destacar da minha primeira experiência com a pesquisa, é a entrevista que realizei com um dos membros do povo Gavião. Na segunda vez que fui à aldeia, levei algumas fotos da primeira visita e passei duas horas falando com o cantor Ambrósio Gavião, que me explicou o que significavam as pinturas e os ornamentos registrados nas fotografias.

Entre explicações sobre os sentidos dos ritos, Ambrósio passou a maior parte da entrevista falando que as pinturas e os ornamentos ritualísticos significavam “beleza” e eram para ser “bonitos”. Em minha pouca experiência e falta de habilidade com a pesquisa, não me atentei para uma rápida fala de Ambrósio que seria o “achado” da pesquisa. O cantor da aldeia resumiu em poucos segundos que as pinturas seriam formas de evitar que o corpo envelhecesse, ficasse doente

---

<sup>26</sup> SOUZA, Michele da Costa; SOUSA, Emilene Leite de. Rituais, ornamentos e pinturas corporais: uma análise das formas de produção e transmissão de conhecimento do povo Gavião/Pyrhcop Catiji. Caderno de resumo Seminário de Iniciação Científica (SEMIC). Disponível em: <http://semic.ufma.br/livros/2018.pdf>.

e, portanto, fugisse da morte. Em duas horas de entrevista, deixei que meu lado jornalístico falasse mais alto e não me atentei à importância que a fala tinha para a pesquisa.

Agora, ao me debruçar sobre a morte durante a pandemia, esta foi a imagem que me veio à mente. A lembrança demonstra como a morte é um tema tabu ao ser humano que vive procurando formas de evitá-la. E que cada cultura tem sua própria forma de lidar com ela; de produzir sentidos e maneiras diferentes de manifestar a preocupação com a morte. “É uma questão que atravessa os tempos e, sobretudo, é uma questão humana” (REZENDE, 2015, p. 27); pois como afirma Edgar Morin (1997, p. 16-17):

A morte se situa exatamente na articulação bio-antropológica. É o traço mais humano, mais cultural do *anthropos*. Mas, se em suas atitudes e crenças diante da morte, o homem se distingue com a maior clareza dos outros seres vivos, é exatamente aí que ele exprime o que a vida possui de mais fundamental. Não tanto o querer-viver, o que é um pleonasma, e sim o próprio sistema do viver.

A morte é uma realidade para todos os indivíduos. Desde os neandertais, até as sociedades atuais, não há qualquer grupo, por mais “primitivo” que seja, que abandone seus mortos sem realizar rituais (MORIN, 1997). Devido à sua complexidade, afeta como uma ruptura que arrebatava o ser, deixa-o diante das fragilidades de sua carne.

Assim como todas as ferramentas e tecnologias desenvolvidas pelo ser humano, a morte é também um “passaporte de humanidade” que efetua a saída do estágio “natural” para o estágio “humano”, porque introduz uma ruptura entre o homem e o animal (MORIN, 1997). É o acontecimento que impõe fim à vida e o que dá “forma” aos seus conteúdos.

Pode-se ver claramente a situação da morte como criadora de forma. Ela não se contenta com limitar nossa vida, quer dizer, dar-lhe forma à hora do desenlace; ao contrário, a morte é para a nossa vida um fator de forma, que vai matizar todos os conteúdos, fixando-lhe inclusive os limites. A morte exerce a sua ação sobre cada um dos seus conteúdos e dos momentos; a qualidade e a forma de cada um deles seriam outras se lhes fosse possível sobrepor-se a esse limite imanente (SIMMEL, 1988, p. 178-179).

Georg Simmel (1998) compreende a morte como um “eixo” que estrutura o homem para compreender a si mesmo. É o que faz o *homo sapiens* tomar consciência de si e é devido à consciência da morte que o ser humano compreende os outros; pois é o único animal para quem a morte é uma certeza, uma angústia e também um trauma (MORIN, 1997).

A consciência humana da própria finitude se expressa como um elemento paradoxal: é uma negação da morte como aniquilamento - sendo ela um fato -, e que ao mesmo tempo em que busca incansavelmente esquecê-la, produz rituais (funerais) e lugares (cemitérios) mnemônicos para a morte.

O pavor da morte é o que move a humanidade e, de acordo com Morin (1997, p. 38), ocorre em três processos: 1) a consciência realista da morte, essa compreensão individual da própria finitude; 2) a consciência traumática, isto é, o sentimento de horror pela decadência; e 3) a afirmação da imortalidade.

Ao adquirir consciência da própria morte, o trauma passa a ser uma vontade mais forte que o viver porque expressa um horror do fim de si mesmo. O pavor vem primeiro, mas a forma como se manifesta será reconfigurada conforme os regimes de historicidade de cada época e sociedade (BARBOSA, 2015, p. 14). À imortalidade, agregam-se as trocas entre indivíduos, os sentimentos de compartilhamento e de pertencimento.

O horror de sucumbir possui uma relação com a corporeidade. Não é uma questão apenas de não saber o que nos espera, além da ameaça de putrefação; é o pavor do não reconhecimento do ser que se foi pelos que ainda permanecerão que evoca o sentimento traumático. “Pertencer” é uma forma de prolongamento de si enquanto *persona* no mundo dos vivos, ou seja, a possibilidade do além-morte necessita, antes de tudo, da coletividade em que cada indivíduo está inserido: “O que deixarei nesse mundo quando morrer?”, “Como as pessoas se lembrarão de mim?”. Porque é essa coletividade que prolonga a memória dos que se foram (MORIN, 1997).

Portanto, a consciência da morte é antes de tudo uma dúvida que se projeta para o futuro com reflexão no presente. O fenômeno não é o fim, mas integra o sistema de vida da sociedade e assume um papel importante quando reafirma as individualidades daqueles que deixaram o mundo dos vivos (MORIN, 1997). E esse “deixar” é mais uma metáfora do que uma realidade. Os espaços criados para “guardar” (as sepulturas) os mortos são formas de não-esquecimento dos corpos que um dia foram habitados. Assim, os mortos não são deixados de lado, mas lembrados constantemente.

O “novo normal” imposto pelo SARS-Cov-2 afetou os rituais simbólicos como o sepultamento. O adeus aos mortos não pôde ser realizado porque aglomerar significava um risco à saúde coletiva. Entretanto, apesar de vazios na maior parte do tempo, espaços como os cemitérios e hospitais estiveram presentes nas narrativas midiáticas (imagens 6 e 7) e fizeram parte do dia a dia dos cidadãos que se mantiveram informados.

**Imagem 8** - Imagens aéreas de covas sendo abertas e fechadas em cemitérios.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

**Imagem 9** - Pacientes internados em hospitais de Manaus (AM) ilustrando o texto da repórter sobre as mortes por Covid-19



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020)*

O rito fúnebre, um dos principais rituais sociais, reconfigurou-se com a pandemia. Parentes e amigos enlutados não puderam realizar velórios de vítimas da Covid-19. E, assim como os hospitais (GOMES; REZENDE, 2021), os cemitérios tornaram-se a tradução mais dramática das consequências do novo coronavírus no mundo.

Em uma sociedade regida pelo hedonismo (MAFFESOLI, 2018) e guiada pela fluidez dos meios de comunicação, como é o caso das sociedades ocidentais atuais, a ruptura no cotidiano causada pela Covid-19 nos colocou diante da morte e do risco de morte. Durante a pandemia, a morte foi exacerbada e convocada não por escolha das comunidades (virtuais e materiais), mas sim porque não se podia fugir dela. Era (e ainda é) uma consequência da fragilidade corpórea humana



que está sujeita às ações de um vírus - antes desconhecido. A morte por Covid-19 foi exacerbada durante a pandemia porque foi espetacularizada pelas tecnologias de informação e comunicação.

O foco desta pesquisa é analisar a cobertura telejornalística do número de mortes por Covid-19. O nosso objeto, o telejornal *Jornal Nacional*, destacou e representou o acontecimento diariamente, evidenciando não somente a morte, mas o risco de morte pelo vírus por meio de imagens e dados. No próximo capítulo, abordamos o dispositivo telejornalístico como uma tecnologia do imaginário e a cobertura da crise sanitária.

## **CAPÍTULO 2 - AS TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO EM TEMPOS EXTREMOS**

## 2.1 Imagem e imaginário

Antes de iniciar a discussão a respeito da imagem, cabe destacar que não é fácil abordar a temática a partir de um único pensamento teórico, devido à complexidade do objeto e das diversas funções que ele ocupa em diferentes contextos culturais (KLEIN, 2014; CIQUINI, 2020). Nesse sentido, buscamos apresentar alguns debates que compreendem a “dimensão simbólica da imagem e as disposições do espírito humano em relação ao mundo por ela implicadas” e que, portanto, a sua complexidade conceitual “deve ter em conta o acúmulo de nossas experiências culturais, imaginárias, sociais e técnicas” (KLEIN, 2014, p. 12-13).

A relação humana com a imagem se situa em diversos aspectos da vida. A questão da morte é um deles. Ao adquirir a consciência de sua finitude, o ser humano produz um “duplo” (morte-renascimento) que o acompanha em sua vida como forma de “resposta” às angústias causadas pela ideia da morte. Esse duplo seria um alter ego que acredita na continuidade do morto: alma e espírito (MORIN, 1997).

A crença na imortalidade faz com que o ser humano produza imagens para ocupar o lugar das ausências (CIQUINI, 2020). Assim como a construção de moradas para recebê-los, está presente a preocupação com a aparência dos corpos sem vida, com a forma como serão velados, enterrados e recordados.

Nessa tonalidade predominante, a imagem atua como módulo de resistência capaz de manter e prolongar vinculações e possui uma mágica simbólica de pleno, a qual sua forma e essência é integralmente projetada pelo corpo em vida. Não há apenas um facho parcial de representação, mas uma inteireza ontológica mágica, como se percebe nos rituais Neolítico e Paleolítico mencionados por Gourhan. A imagem, nesse diapasão entre mítica e culto não apenas pode exercer a função paradoxal de exibir a “presença de uma ausência” (BELTING, 2007, p. 178), mas também confundir-se com o próprio objeto, projetar integralmente, investir-se da inteireza da própria coisa, ser a presença de uma presença, exibir-se como “mística de uma homologia automática” (MACHADO, 2015) (CIQUINI, 2020, p. 04).

Temos a imagem em seu sentido mítico, ritualístico, portanto, uma imagem-essência. Mas além do duplo, a imagem também possui o papel representacional, como destaca Ciquini (2020). De acordo com o pesquisador, essa função surge especialmente durante o Renascimento quando a técnica artística passa a produzir representações de coisas e pessoas, em uma “dimensão

predominantemente estética” (CIQUINI, 2020, p. 04). A imagem artística, ou imagem-representação, transforma-se em sinônimo de “imagem bem-acabada” e seus elementos (técnicos e visuais) produzem uma “relação de imanência entre observador e imagem” (Idem).

A implementação do espírito moderno separou a imagem da razão. Sendo relacionada a tudo que fosse irreal, irracional, fantasioso, onírico, ela foi negligenciada pelo pensamento moderno devido a sua complexidade analítica (DONINI; CUNHA, 2014). Com o advento das tecnologias de reprodução técnica da imagem, como a câmera fotográfica e a filmadora, a imagem ocupou um novo estatuto de importância, diferente do espírito renascentista, produzindo diversos sentidos (DONINI; CUNHA, 2014; CIQUINI, 2020).

A alta reprodutibilidade, proporcionada pelos dispositivos, condicionou a imagem ao regime de visibilidade mecânica (KLEIN, 2014). A percepção sobre a imagem passou por mudanças e foi associada à sua repetição e reprodução (CIQUINI, 2020; DONINI; CUNHA, 2014), como alertou Walter Benjamin quanto à perda da aura imagética na “era da sua reprodutibilidade técnica”.

Na pós-modernidade<sup>27</sup>, vivenciamos o que Ciquini (2020) chama de “hipertrofia da visualidade”. De acordo com o autor, a exposição ao excesso de imagens causa consequências como a fadiga, o cansaço, podendo afetar o processo comunicacional. Apesar do “encharcamento” de imagens proporcionado pelo atual contexto, o autor ainda destaca que as imagens não perdem sua misticidade e o aspecto artístico. Não é porque a reprodução é em grande escala que não produz sentidos: “(...) a cópia produz a aura da matriz, do único, do original. O capital simbólico do original só aumenta com a multiplicação da sua imagem” (SILVA, 2020, p. 64).

A exposição ao excesso de imagens produzidas pelos *media* tem moldado a forma como as experienciamos, a ponto de não percebermos como algo à parte. No contexto atual, o vínculo entre observador e imagem parece retomar a relação da imanência renascentista (imagem-representação). E se, na era da industrialização moderna havia a perda da aura imagética, na era pós-moderna esta aura é reinventada “pela reprodução total e viral da imagem” (SILVA, 2020, p. 17).

---

<sup>27</sup> Compreendemos “pós-modernidade” como a sinergia entre o arcaico e a tecnologia de ponta (MAFFESOLI, 2004), isto é, as vinculações sociais são potencializadas com a internet. Em complemento: “não há modernidade pura. Nem pós-modernidade absoluta. Há uma ponte: o ‘pós’. O moderno está no pós-moderno por hipérbole. O pós-moderno não passa de um hipermoderno. Tais categorias fluidas servem apenas de fragmentos de orientação. Por não serem definitivas, mudam tudo” (SILVA, 2020, p. 66).

Anaz (2020) apresenta algumas questões sobre a origem da imagem e dos elementos envolvidos na sua constituição e formação. Citando as contribuições de autores como Gilbert Durand, Antônio Damásio e Carl Gustav Jung, o autor traça um caminho que envolve os campos da antropologia, da psicologia e da neurociência para refletir sobre a natureza (imanência) da imagem e de seu papel na “geração de significações” (transcendência) (ANAZ, 2020, p. 138).

Em um primeiro momento, no campo da neurociência, Anaz afirma que ao se pensar a formação da imagem mental, deve-se entendê-la como “um processo de mapeamento”. Este processo resulta da necessidade que a mente tem de se manter informada das coisas que são exógenas ao corpo, aquelas fora da corporeidade.

A criação de mapas mentais faz com que imagens sejam formuladas, utilizadas e manipuladas pela consciência durante o processo de pensamento. Dessa forma, “a imagem constitui-se no principal meio circulante da mente” (ANAZ, 2020, p. 139). Além disso, há também um outro aspecto formador da imagem: o endógeno, num sentido inverso, na formação de imagens sem a experiência empírica.

A capacidade humana de produzir imagens, independentemente da experiência com a realidade física, diz respeito ao que o autor denomina de instâncias imanente e transcendente. No que diz respeito à exterioridade (o exógeno), os significados se originam da “experiência empírica ou da função utilitária do objeto ou ação” que a imagem representa (instância imanente). No processo interno (o endógeno), esses sentidos e significados “extrapolam a experiência empírica e são frutos da imaginação” (instância transcendente)<sup>28</sup> (ANAZ, 2020, p. 143).

A noção une os percursos antropológico e psicológico e demonstra que as imagens imaginadas podem estar atreladas ao real, assim como ao irreal. Devido à capacidade humana de projetá-las (de imaginar), utilizando de outros recursos como a memória, por exemplo, a falta de uma experiência primária (empírica) não limita a produção das imagens mentais.

Anaz evoca a noção de arquétipos de Jung para explicar a complexidade da geração de significados entre as duas instâncias. Podemos compreender os arquétipos como imagens de

---

<sup>28</sup> Cabe destacar que o processo de experiência (exógeno) não se limita à capacidade visual do ser humano. A visão é apenas um dos sentidos humanos que corroboram na produção das imagens mentais.

"estrutura vazia" (primordiais, universais, ideias eternas e herdadas) que se formam a partir das experiências psíquicas do ser humano, sendo essas experiências positivas ou negativas. Os arquétipos "ordenam a vida psíquica do sujeito" e após o seu "preenchimento", não mais precisam de um objeto ou de uma ação para criar sentido. Este é o processo de transcendência (ANAZ, 2020).

Ciquini e Anaz percebem a complexidade dialógica da troca entre imanência e transcendência. Para eles, ocorre de forma simultânea e que, por isso, não há como separá-las. A combinação dessas capacidades humanas forma a imagem como um produto "a destacar um tipo particular que impacta na geração de sentidos e surge a partir do processo do imaginário: a imagem simbólica" (ANAZ, 2020, p. 138), ou seja, a produção de imaginários.

Assim como nas teorias da imagem, a noção de imaginário possui uma pluralidade de visões que buscam se aproximar de uma definição teórica sobre o que vem a ser "imaginário". A partir da abordagem teórica da Socioantropologia do imaginário, compreendemos que o imaginário, assim como nas noções de imagem, é dinâmico e se situa na "relação entre as intimações objetivas e a subjetividade"<sup>29</sup> (MAFFESOLI, 2001, p. 80). Sendo uma realidade, trata-se de um fenômeno que se relaciona com o que está em curso - o presente, o vivido - e, como defende Michel Maffesoli (2001; 2020), não deve ser associado a uma definição racionalizada, no sentido rígido da Modernidade.

Discípulo de Gilbert Durand, teórico bachelardiano, Maffesoli (2001) apresenta diferenças e semelhanças entre imaginário e outros termos como cultura, ideologia e apropriação individual. Para o autor, a cultura é "um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição" (p. 75). Já a ideologia "guarda sempre um viés bastante racional" (p. 76). E o imaginário tem "algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo (p. 75). Apresenta "um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, (...) enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas" (p. 77).

Ideologia e cultura são termos passíveis de definição porque se situam naquilo que é palpável, mensurável e visível. Existe a possibilidade da apropriação individual desses termos por

---

<sup>29</sup> Partindo de Gilbert Durand, Michel Maffesoli (2001, p. 80) afirma que "as intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra".

parte das *personas* (MAFFESOLI, 2018), mas está presente uma segunda coisa, esta que consegue fluir de forma autônoma sem a necessidade do palpável. O imaginário é o que convoca os sujeitos à ação de fazer parte da cultura, da ideologia, da apropriação individual dos patrimônios sociais de forma inconsciente.

Para Maffesoli (2020, p. 08), o imaginário é "o conjunto de crenças, representações, fantasmagorias, criações culturais e cotidianas que permitem expressar, dar forma a esse sentimento comum". Portanto uma espécie de ambiência, da ordem da aura<sup>30</sup>, um estado de espírito que mantém unida a sociedade. É a cola social, o cimento que estabelece o vínculo e "alimenta" a coletividade (MAFFESOLI, 2001) num processo em espiral.

Silva (2006, p. 57) complementa:

O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida. Logo, menos redutor do que a ideologia, mais aberto do que a crença e menos completo do que a cultura, na qual se insere e a qual alimenta. Trata-se de uma memória afetiva somado a um capital cultural. Mesmo estimulado por tecnologias, o imaginário guarda a margem de independência total, de mistério, de irredutibilidade, de fictício, de inútil, e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico emissor.

A técnica, como destaca Maffesoli (2001, p. 80), é um "fator de estimulação imaginal". Ela serve de artefato para traduzir imaginários. A busca pela exteriorização, ou materialização imaginal, cria "os fundamentos estéticos de imaginários artísticos, políticos e sociais" (ANAZ, 2020, p. 148). As técnicas de pintura e fotografia, por exemplo, são em si formas de exteriorização das imagens.

São imagens que capturam o imaginário coletivo, criam e alimentam ambiências. Suas narrativas (mitos) são "resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens", capaz de ultrapassar uma "vibração que supera o argumento e instaura uma sensibilidade comum" (MAFFESOLI, 2001, p. 76-77). É a partir dessa discussão que surge a noção de Tecnologias do Imaginário, defendida por Silva (2020).

---

<sup>30</sup> Referente ao pensamento de Walter Benjamin sobre a "aura" da obra de arte.

## 2.2 As tecnologias do imaginário (TIM)<sup>31</sup>

Juremir Machado da Silva (Idem) faz parte da corrente fenomenológica que estuda a cotidianidade, assim como Maffesoli. Em “As Tecnologias do Imaginário”, o autor caminha pelos principais teóricos que discutem o imaginário (Bachelard, Durand, Maffesoli, Lacan, etc) em busca de algumas definições para defender a existência de “dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imagético, simbólico, individual ou grupal, mobilizador” de indivíduos ou grupos (SILVA, 2020, p. 47); isto é, as Tecnologias do Imaginário (TIM).

Silva divide a obra em três partes, distribuídas em seis capítulos. A primeira parte traça um caminho por entre as noções de imaginário; a segunda busca apresentar (mais) as diferenças e (do que) semelhanças entre os tipos de tecnologias existentes na sociedade; e a terceira consiste na proposta de criação de um método de análise das Tecnologias do Imaginário.

A linguagem utilizada pelo autor mescla ironia, jogo com palavras e metáforas. Características que devem fazer parte das análises de quem pesquisa as “narrativas do vivido”, como defende Silva.

Destacamos alguns pontos importantes da obra. O primeiro deles é que, embora compartilhe do pensamento de Michel Maffesoli - onde todo imaginário é coletividade - , Silva valoriza a participação do indivíduo na construção de imaginários:

O imaginário nasce dos choques perceptivos gestados nas coagêneses sociais. O termo coagêneses certamente tem sido muito utilizado, inclusive por Edgar Morin, mas aqui toma um sentido muito particular: efervescência anárquica na zona de intersecção entre o micronível (indivíduo/grupo) e o macronível (grupo/sociedade). Anárquica é a franja de autonomia onde o uno inocula diversidade (particularidade) no todo. Cada ser participa incessantemente de situações de coagênese. O sistema tende a neutralizar a maior parte dessa instabilidade, o que favorece a permanência do vínculo social, faz comunidade e cimenta o mundo (SILVA, 2020, p. 58).

O segundo ponto é a questão da técnica. Reforçada, principalmente, a partir do pensamento heideggeriano sobre a existência de uma “essência da técnica”. Técnica, em Heidegger, deve ser

---

<sup>31</sup> Primeiramente, esclarecemos um ponto que não foi levantado aqui, mas que demanda asserção: o imaginário não é uma tecnologia. Se faz necessário enfatizar a distinção para que não haja confusão ou compreensão equivocada da discussão que se seguirá.



entendida como uma interpelação: “o ato pelo qual se arranca da natureza uma energia escondida que altera o meio original. O homem é o sujeito dessa interpelação” (SILVA, 2020, p. 38).

Outro pensador alemão presente nessa discussão é Nietzsche. Filósofo que nomeia, segundo Silva, a terceira etapa da genealogia moderna da técnica, fruto do “desencantamento da natureza” que busca o domínio pelo domínio<sup>32</sup>. Tomando emprestado o conceito de “vontade de potência”, Silva afirma que a técnica é mais que uma ameaça à humanidade ou um instrumento neutro passível de controle. Como “potência”, afeta sujeito e objeto da mesma forma:

Sujeito que provoca e é provocado ao mesmo tempo. *Interpelante/interpelado*. Assim, o homem nunca é mestre absoluto da sua obra de interpelação. Ao provocar a natureza, transforma-se com a transformação que opera. O desvendar pela técnica ultrapassa a condição humana (grifo do autor, SILVA, 2020. p. 39).

Assim, técnica é mais que um meio ou uma finalidade, é um “modo de desvelar” o ser; um tipo de acontecimento, um imaginário (SILVA, 2020). O terceiro ponto importante da obra de Silva (2020), consiste na existência de dispositivos capazes de interpelar imaginário e sujeito, mas de formas distintas. Dentre esses dispositivos estão as Tecnologias da crença (TC), como a religião e a ideologia; as Tecnologias do espírito/mente (TE), como a violência simbólica<sup>33</sup> que algumas epistemologias impõem; e as Tecnologias da inteligência (TI), como TV, Rádio, Cinema, *Internet* e etc.

As TC, TE e TI são dispositivos de controle com a finalidade de estabelecer ordem no mundo das coisas. Elas definem dicotomias que têm como objetivo separar as diferenças, instaurando inseguranças e incertezas, fazendo dos sujeitos seres passivos ou ativos.

No quadro a seguir (Tabela 3), Silva ilustra, a partir de palavras-chave, diferenças e semelhanças entre os dispositivos de controle e as Tecnologias do Imaginário (TIM).

<sup>32</sup> Os dois primeiros momentos são o cartesiano (a busca pelo domínio da natureza) e o kantiano (ciência, política e o ideal do progresso) (SILVA, 2020, p. 35-36).

<sup>33</sup> Para melhor compreensão, ler: SFEZ, L. As tecnologias do espírito. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 07–16, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.1997.6.2958. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/2958>. Acesso em: 28 jan. 2023.

**Tabela 3** - Quadro de funções das tecnologias

Crença	Espírito	Inteligência	Imaginário
Apassivadora	Apassivadora	Propulsora	Estimuladora
Manipuladora	Manipuladora	Cognitiva	Cognitiva
Valorativa	Judicativa	Intelectual	Afetiva
Catequisadora	Persuasiva	Indutora	Sedutora
Ideológica	Política	Racional	Cultural
Racionalizadora	Cientificista	Abstracionista	Concreta
Histórica	Universal	Planetária	Local
Verdade	Pragmática	Eficiência	Verossímil
Propaganda	Educação	Pesquisa	Publicidade

Fonte: Silva (2020, p. 59).

As Tecnologias do imaginário, conceito-chave da obra, não procuram controlar ou estabelecer uma ordem no mundo. Elas atuam sob a lógica da sedução, oscilando entre a certeza e a incerteza; conciliando o inconciliável; produzindo novos sentidos a partir de aspectos tidos como irracionais. O convencimento não se dá pelo poder ou pelo controle. É uma aderência “voluntária”, através da identificação, evocada pela “vontade de potência” (SILVA, 2020).

O sujeito das Tecnologias do imaginário não se enquadram na dicotomia do passivo-ativo. Eles pertencem à ordem da interatividade, da recepção e produção de conteúdos. São ambivalentes, identitários. Consomem por empatia.

São exemplos de Tecnologias do imaginário as mídias tradicionais (TV, rádio, impresso, fotografia, cinema, teatro, música, livros, etc) e também as novas mídias (*internet*, redes sociais digitais, animações gráficas, jogos de realidade virtual, etc).

As TIM podem tanto atuar como dispositivos, quanto meio. A exemplo disso, a comunicação e suas áreas afins: publicidade, propaganda, jornalismo, etc. A publicidade talvez seja o exemplo mais cristalizado das afirmações de Silva. A técnica de convencimento e o objetivo final é puramente o convencimento pela sedução. Entretanto, o jornalismo também utiliza de técnicas sedutoras para “vender” a notícia.

Em “A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário”, Silva (2009) investiga como a técnica jornalística modula o olhar, gerando um imaginário midiático paradoxal e sofisticado. Para

ele, a técnica jornalística é uma forma de “desvelar”, pois ela forma, deforma e transforma o fato em acontecimento. Sendo assim, a sua essência não seria técnica, mas cultural.

Tributário do século das luzes<sup>34</sup>, o jornalismo herdou a racionalidade e o compromisso com a verdade tipicamente moderna. A atividade se funda no “mito da transparência”, colocando-se como “espelho” da realidade e mediadora dos fatos a fim de obter credibilidade. Por isso, “o jornalismo tem a pretensão de ordenar as concepções dos sujeitos acerca do mundo diante do caos evenemencial” (GOMES, 2017, p. 497).

A atividade se faz no acontecimento cotidiano, é vetor de laços sociais e “desvela” o comum e o incomum da vida e, por isso, é uma tecnologia do imaginário. Essas tecnologias se constituem como “dispositivos de intervenção” e “impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da sociedade do espetáculo” (SILVA, 2020, p. 20-21).

A partir da técnica da profissão, o jornalismo atribui sentido ao mundo integrando um estado de espírito de um povo e de uma época, ou seja, produzindo imaginários (SILVA, 2009). Influi no comportamento social, constrói sentidos e opera sobre as esferas da sociedade (GOMES, 2017), “capacitando” o sujeito a gerir a própria vida, a cuidar da saúde, a ser economicamente ativo (BRUNO, 2006). O jornalismo não impõe uma norma, não coage por meio da informação, mas atua por sedução; tornando os corpos dóceis e treinados por meio da “servidão voluntária” (SILVA, 2020).

A técnica jornalística submete os fatos a uma forma que incorpora os aspectos mais relevantes e paroxísticos com o intuito de atrair a atenção, produzir sensações, informar o público e vender o produto: a notícia. Podemos dizer que a notícia é a “narrativa da anormalidade” porque teatraliza a vida cotidiana, possui dramaticidade e se pauta no singular (GOMES, 2018, p. 497).

Notamos um diálogo entre pensamentos dos autores anteriores (CIQUINI, 2020; ANAZ, 2020), de exteriorização ou materialização das imagens, e o que Silva (2020) compreende por Tecnologias do imaginário. A técnica jornalística também é uma forma de criar imagens, e assim, a atividade interpreta a realidade e modifica o mundo, atuando sobre o imaginário.

Como parte da técnica, o telejornalismo possui a particularidade do vídeo. As

---

<sup>34</sup> Em alusão ao Iluminismo.

telerreportagens são o resultado da junção dos elementos: imagem, som, texto, tempo e edição. O produto telejornalístico provoca sensações, possibilita um olhar de mais "proximidade" com o fato e "insere" o telespectador num pseudo-ambiente, interpelando "o acontecimento e o sujeito desse acontecimento" (SILVA, 2020, p. 104). Essas imagens são capazes de formar laços sociais e memórias. Por meio delas, “acompanhamos os impactos da pandemia no agravamento da crise econômica e social, as desigualdades entre os países desenvolvidos e o restante do mundo, além das discrepâncias próprias de cada nação” (GOMES; REZENDE, 2021, p.108-109).

Procurando entender o gênero telejornalístico em meio à maior crise sanitária do início do século, Christina Musse e Mariana Musse (2020, p. 111) afirmam que

Pensar o telejornalismo brasileiro, na época da maior crise sanitária que o país viveu no último século, é uma maneira de interpretar as possibilidades narrativas da mídia mais poderosa do país, em um momento de ruptura profunda.

Compreendemos que o telejornalismo produz um marco temporal diferenciado sobre a pandemia da Covid-19. O dispositivo telejornalístico agrega o recurso audiovisual com a técnica da profissão e implica em um dos maiores fenômenos da história, produzindo, assim, imagens que podem transformar a experiência de se viver a “peste” do início do século XXI.

Compreendendo a importância do dispositivo telejornalístico, e partindo da noção de Silva (2020), abordamos o *Jornal Nacional*, objeto desta pesquisa, como uma tecnologia do imaginário e objetivamos compreender como, através da técnica e estratégias próprias, o dispositivo modula o imaginário social da pandemia da Covid-19.

### **2.3 O *Jornal Nacional (JN)* em tempos de pandemia**

O *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional no país. Foi ao ar pela primeira vez em 1º de setembro de 1969, com o objetivo de competir com o *Repórter Esso*, da extinta TV Tupi. A transmissão, ao vivo e de forma simultânea, ocorreu para algumas das principais capitais do país, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (MEMÓRIA GLOBO, 2023).

Era parte de um projeto de Walter Clark e de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho para fazer com que a emissora se tornasse uma das principais redes de televisão do país, e também diminuir os

custos nas produções. Desde o início, seu formato foi pensado para se diferenciar do principal concorrente. “Enquanto o ‘Repórter Esso’ deixava a notícia mais impactante para o fim, o *JN* abria com as informações ‘quentes’, o factual” (Idem).

De 1964 a 1985, o Brasil passou pelo período da Ditadura Militar. Embora o site Memória Globo (2023) destaque que o telejornal enfrentou censura e modificações nas produções, o *JN* ascendeu e se desenvolveu durante esse período. Aspectos esses que acompanharam a emissora durante muito tempo como possuindo vínculos ideológicos com o regime militar (NEGRINI, 2010).

A partir de 1974, sob o governo de Geisel, as relações do telejornal com a política no país tomaram novos rumos. A proposta do novo diretor de jornalismo da emissora, Carlos Drummond, era a de vincular as produções da afiliada de Brasília e de fazer cobertura da agenda política na Esplanada dos três poderes (MEMÓRIA GLOBO, 2023).

Sendo o primeiro na transmissão em rede, a equipe de jornalismo da Globo criou padrões de produção e execução do telejornal. A primeira concepção criada pela equipe foi a ideia de “noticiário nacional”, que obedecia a uma série de critérios “formulada para servir de guia na seleção e na hierarquização das notícias” (Idem).

Com o tempo, o *JN* passou por modificações. Algumas delas tiveram de acompanhar os desenvolvimentos tecnológicos que corroboraram na execução e produção do produto telejornalístico. Mas ainda permanecem alguns dos padrões criados pelo telejornal até hoje, dentre eles a apresentação com dois jornalistas sentados atrás de uma bancada.

Atualmente, o *Jornal Nacional* é o principal produto telejornalístico da emissora Rede Globo. Vai ao ar de segunda a sábado, das 20h30min às 21h15min, durando em média cerca de 45 minutos. É transmitido entre dois produtos novelísticos, ocupando o “horário nobre” da emissora. Tem como apresentadores o jornalista e editor-chefe William Bonner e a jornalista e diretora-executiva Renata Vasconcellos (Idem).

Além do ao vivo na televisão, o telejornal é transmitido de forma simultânea no canal de *streaming Globoplay*, também da Rede Globo. O produto é disponibilizado completo e em partes, no *Globoplay* com acesso gratuito e na plataforma digital do G1. O *Jornal Nacional* possui perfis nas principais redes sociais digitais: *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*.

Durante a pandemia, a Globo aumentou o tempo dedicado à informação. Logo no início de 2020, seguindo recomendações sanitárias, a emissora interrompeu a produção de conteúdos, novelas e programas de entretenimento novos e diários, pois os programas implicavam aglomerações de pessoas e conseqüentemente, perigo de contaminação. A Globo optou por aumentar a o tempo

dedicado ao jornalismo, “chegando a 11 horas de programação ao vivo consecutivas, das 4h da manhã às 03h da tarde” (PORTAL G1, 2020). Com isso, a audiência dos programas jornalísticos da emissora teve um aumento de 17% (FOLHA DE S. PAULO, 2020).

Já era possível perceber que a posição da emissora considerava o discurso científico e especializado como fator importante na produção e transmissão de seus conteúdos. As escolhas da emissora desencadearam uma série de ataques à instituição e seus profissionais da imprensa, por parte do ex-presidente Jair Bolsonaro e também de seus apoiadores, que insistiam em uma postura negacionista. Além da intensa cobertura da pandemia, a Globo elaborou campanhas com a temática da Covid-19. São exemplos “Fatos e Pessoas”, “Vacina Sim”, “Quando isso tudo passar”, etc.

Com a criação do Consórcio de Veículos de Imprensa para levantar e disponibilizar os dados da pandemia, o *JN* criou um quadro fixo com o objetivo de apresentar o “balanço da pandemia” através de infográficos e números. Termos como: média móvel de casos, curva de contaminados, número de casos, infectados, mortos e porcentagem da população vacinada, passaram a fazer parte do dia a dia dos brasileiros e brasileiras que acompanhavam o telejornal durante a crise sanitária (CALEFFI; PEREIRA, 2021).

O *JN* aumentou o tempo de duração das edições na pandemia. Foi de 45 minutos a mais de uma hora, em algumas edições. A cobertura da pandemia, obviamente, ocupou praticamente mais da metade das edições e se tornou a temática mais abordada nos dois primeiros anos da crise, conforme demonstraremos nos próximos capítulos.

Outras alterações acompanharam as necessidades impostas pela condição pandêmica. A redação do telejornal teve diminuição do fluxo de profissionais para evitar o contágio; as produções de matérias puderam ser realizadas no espaço domiciliar de repórteres; as entrevistas tiveram que contar com a colaboração das fontes via aplicativos digitais; o formato das entrevistas presenciais (imagem 10) também foram modificadas, além dos padrões estéticos do telejornal e tantas outras mudanças<sup>3536</sup>.

---

<sup>35</sup> Ressaltamos que essas “mudanças” foram intensificadas com a pandemia, mas que algumas delas já estavam em curso. Acreditamos que a chegada do vírus apenas acelerou o processo.

<sup>36</sup> Para estudos sobre as modificações no fazer telejornalístico durante a pandemia, ver: SILVA; MATOS (2021) e QUEIROZ (2021) - telejornalismo corporativo; SIFUENTES *et al* (2021) - telejornalismo público e BARBOSA (2022) - telejornalismo regional.

**Imagem 10** - Entrevista com o governador do Amazonas sobre a situação do estado na pandemia<sup>37</sup>.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020)*.

Dos temas que adquirem espaço no *JN*, o âncora William Bonner (2009, p. 96, apud NEGRINI, 2010, p. 128) destaca que:

[...] quanto maior o incêndio, quanto maior o número de desabrigados, quanto mais alta a inflação, quanto pior o desempenho dos estudantes no Enem. O público, em geral, se pergunta, frequentemente, por que diabos o jornalismo traz tantas notícias ruins. Infelizmente, na lista de temas publicados nos melhores órgãos de imprensa, elas são muito mais numerosas. Aos não jornalistas inconformados ou aborrecidos com esse fato, é preciso explicar que é da própria natureza do jornalismo apontar o que está errado para que seja corrigido.

Sendo um fator natural e produtor de traumas, como já mencionamos, a morte é um tipo de “valor-notícia”<sup>38</sup> para o jornalismo. Dentre os temas abordados sobre a pandemia no *Jornal Nacional*, a morte por Covid-19 obteve grande destaque. Negrini e Redü (2020, p. 15) ressaltam que “o jornalismo também se mostra como um local de difusão da finitude humana entre os públicos”, havendo espaço para alguns tipos de mortes: as acidentais, por conflitos, por guerras, e os “Grandes Mortos”, isto é, as celebridades (NEGRINI, 2010, p. 128).

Durante a pandemia, as autoras afirmam que o risco de morte pelo novo coronavírus foi um tema “amplamente presente” no *JN*, porque o telejornal buscou apresentar não somente os números

<sup>37</sup> Esta imagem é apenas uma ilustração de algumas das modificações no fazer telejornalístico. Nesta entrevista, podemos notar o distanciamento entre a fonte e o repórter devido à necessidade protocolar sanitária. Além disso, a fonte oficial também segura o próprio microfone como forma de evitar o contágio pelo vírus. Esse recurso é considerado uma alteração que requer análise porque o repórter sempre possuiu o domínio do microfone no processo de entrevista.

<sup>38</sup> De acordo com Nelson Traquina (2005, p. 94-95), “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para o construir. (...) as ‘qualidades duradouras’ do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. (...) As definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição de noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço de compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional”.

de vítimas da doença, mas a possibilidade; o risco da morte pelo novo vírus (NEGRINI; REDÜ, 2020).

A demonstração do risco de morte no telejornal se deu de várias formas: por meio de gráficos, imagens, textos de repórteres, falas de personagens e fontes especializadas, etc. O *JN* buscou demonstrar os impactos da pandemia com matérias que mesclaram gráficos, hospitais, cemitérios e histórias de enlutados e vítimas da doença. A tentativa foi a de humanizar os mortos que estavam representados em números frios (KNEIPP; SALES JÚNIOR, 2021).

Ao apresentar, de forma intensa o sofrimento causado pelo vírus, a cobertura telejornalística supervalorizou o evento pandêmico, acarretando na proliferação de imagens que se tornaram lembranças, podendo, inclusive, serem evocadas em outros momentos, conforme cada época e necessidade de recordação, em um processo em espiral, assim como em outros momentos marcantes da história da humanidade<sup>39</sup>.

Devido à complexidade do nosso objeto, inserido no contexto histórico da pandemia, recorreremos a um método de análise específico, a Análise da Materialidade Audiovisual, que dialoga com o referencial teórico da Socioantropologia do imaginário. No próximo capítulo, detalhamos o método e o percurso metodológico da pesquisa.

---

<sup>39</sup> A ida do homem à lua, a queda do Muro de Berlim, o ataque às Torres Gêmeas, o terremoto e o tsunami de Tohoku, causador do desastre nuclear de Fukushima Daiichi são considerados acontecimentos que perduram no tempo, segundo Dosse (2013).



## **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA**

### 3.1 Percurso metodológico

#### 3.1.1 Método e objeto

Por se tratar de uma forma cultural, a leitura do produto telejornalístico deve ser realizada de forma completa, preservando a sua unidade: texto+som+imagem+tempo+edição (COUTINHO, 2016). É nesse sentido que Iluska Coutinho propõe o uso da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA) como método complexo e compreensivo. A AMA nos possibilita “conhecer e experimentar o telejornalismo, na medida em que ela identifica-se com as especificidades de seu saber fazer e narrar, e busca se apresentar como forma de saber investigar particular” (COUTINHO; FALCÃO; MARTINS, 2019, p. 14).

A AMA envolve

uma avaliação descritiva e outra interpretativa do material audiovisual a ser investigado. Observa-se, uma vez, identificado o objeto empírico e feita a leitura inicial dele, o fluxo narrativo definido, as promessas de gênero, os elementos paratextuais<sup>40</sup>, quadros mobilizados, o conteúdo da narrativa de uma integrada (Idem).

As etapas de análise consistem em: **(1)** identificar o objeto audiovisual de análise; **(2)** emoldurar e elaborar a ficha de análise; **(3)** realizar um pré-teste do instrumento; **(4)** pesquisar/definir e obter a ficha de análise da amostra a ser investigada; **(5)** construir os parâmetros de interpretação dos dados e, caso necessário, de um material de codificações (Idem)<sup>41</sup>. Para os parâmetros interpretativos, questões complementares aos eixos podem ser elaboradas no formato de perguntas-eixos, possibilitando realizar uma espécie de “entrevista do objeto” de pesquisa (COUTINHO, 2016).

Nesta pesquisa, analisamos o telejornal *Jornal Nacional (JN)*, da Rede Globo de Televisão, líder de audiência no segmento. A escolha do telejornal levou em consideração a importância histórico-social do produto e a cobertura realizada sobre a pandemia da Covid-19, tendo como norte em suas produções os discursos de fontes científicas especializadas e da OMS.

A morte pela doença da Covid-19, assim como o acontecimento pandêmico, foi um assunto presente no *Jornal Nacional*. Assim, a amostra selecionada é composta por dez edições do

<sup>40</sup> Os elementos paratextuais fazem parte da segunda etapa da pesquisa. De acordo com Coutinho (2016, p. 10), “dados como chamadas, vinhetas, a programação do canal, a escalada de abertura e mesmo o texto do apresentador poderiam constituir-se em paratextos, à depender da unidade, objeto empírico em análise”.

<sup>41</sup> Após deliberação da banca de qualificação, compreendemos que a amostra da pesquisa não demanda a elaboração de um livro de códigos.



formatos: inteira e em partes. Separadas, elas possuem título e descrição com acesso para leitura (imagem 12). Colhemos todas as informações disponibilizadas na plataforma para complementar a análise, já que são elementos paratextuais (COUTINHO, 2016).

**Imagem 12** - Exemplo de peça do *JN* detalhada na plataforma *Globoplay*.



**Fonte:** *Globoplay (JN, out., 2021).*

As edições da amostra totalizam 196 vídeos. O tempo total de duração equivale a 09h29m26s<sup>42</sup>. A tabela a seguir, apresenta mais detalhes.

**Tabela 4** - Detalhes da amostra da pesquisa

Edição	Data	Nº de mortes	Tempo de duração da edição
1	17 de março de 2020	1ª morte	01h00m35s
2	28 de abril de 2020	5 mil	01h01m37s
3	09 de maio de 2020	10 mil	01h14m49s
4	20 de junho de 2020	50 mil	00h59m40s
5	08 de agosto de 2020	100 mil	01h04m36s
6	07 de janeiro de 2021	200 mil	01h01m59s
7	24 de março de 2021	300 mil	00h30m16s
8	29 de abril de 2021	400 mil	00h50m59s
9	19 de junho de 2021	500 mil	00h48m42s
10	08 de outubro de 2021	600 mil	00h50m13s

**Fonte:** Autora (2023).

<sup>42</sup> Junto ao tempo das edições, tirando os comerciais, deve-se considerar a programação da emissora com os comerciais e propagandas.

Elaboramos a ficha catalográfica (tabela 6) para realizar o mapeamento da amostra, conforme a AMA sugere. Os itens utilizados foram:

**Tabela 5 - Itens de mapeamento da amostra.**

<b>Ocorrência</b>	Corresponde à ordem em que aparece a peça (1ª, 2ª, 3ª, etc);
<b>Tipo de ocorrência</b>	Tipo da peça (reportagem, nota, editorial, etc);
<b>Título da ocorrência</b>	Texto curto colocado para identificar a peça na plataforma;
<b>Descrição disponível</b>	Corresponde ao texto longo colocado na plataforma <i>Globoplay</i> (imagem 12), explicando uma parte da temática da peça;
<b>Tempo de duração</b>	Tempo de cada peça sendo contado em minutos e segundos;
<b>Descrição das imagens</b>	Destacar como são apresentados os recursos visuais de cada peça;
<b>Descrição dos sons</b>	Descrever os recursos sonoros utilizados nas ocorrências;
<b>Palavras-chave</b>	Nortear quais peças falam sobre a temática da morte por Covid-19;
<b>Observações</b>	Destacar algum detalhe.

Fonte: Autora (2023).

**Tabela 6 - Ficha catalográfica da amostra**

Mapeamento da amostra da pesquisa - Edições do Jornal Nacional

Evento	[1ª Edição - 17 de setembro de 2021]							
Evento	[1ª Edição - 17 de setembro de 2021]				Zona	[1ª Edição - 17 de setembro de 2021]		
Ocorrência	Tipo de ocorrência	Título da ocorrência	Descrição disponível	Tempo de duração	Descrição das imagens	Descrição dos sons	Palavras-chave	Observações
1	Reportagem	"Homenem de 62 anos é o primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil"	Colônia de imprensa de autoridades e especialistas do estado de São Paulo falando da primeira morte em decorrência da Covid-19 no país.	04 min 18 seg	Imagens da coletiva de imprensa e das fotos das fontes. Uso de recursos gráficos para ilustrar o paciente vitimado e os números sobre a mortalidade da doença em pessoas com comorbidades. Falação do repórter em	Linha, voz do repórter, fala de fontes e autoridades.	Morte, Covid-19, Comorbidades, Hospital.	Para chamar a primeira vítima, é utilizada uma ilustração gráfica do corpo, órgãos e descrição de comorbidades.

Fonte: Autora (2023).

Após o mapeamento, elaboramos uma ficha de análise (tabela 7) de descrição da amostra.

**Tabela 7** - Ficha de análise da amostra

<b>Edição</b>	1ª Morte - 17 de março de 2020		
<b>Duração</b>	01h00min35seg	<b>Link</b>	<a href="https://globoplay.globo.com/v/3407649/">https://globoplay.globo.com/v/3407649/</a>
<b>Material</b>	Total: 27 vídeos      Selecionados: 21 ocorrências.		
<b>Palavras-chave</b>	Pandemia, Covid-19, novo coronavírus, crise sanitária, morte, medidas sanitárias, protocolos sanitários, hospitais.]		

**Descrição da peça:**

1- A primeira ocorrência tem como título "*Homem de 62 anos é o primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil*". É uma reportagem de quatro minutos e dezoito segundos e abre a edição. Na peça, especialistas e representantes de órgãos públicos de saúde do estado de São Paulo fazem coletiva com a imprensa para noticiar a primeira morte pela doença no país. Os representantes destacam que a vítima contraiu o vírus de forma comunitária. A

**Fonte:** Autora (2023).

Verificamos, entre as peças da amostra (reportagens, notas, editoriais, cenário, etc), que 45 ocorrências faziam menção à temática da morte por Covid-19. Portanto, o *corpus* da pesquisa consiste nessas peças. Cabe destacar que também foram selecionadas peças que não faziam menção direta ao número de vítimas da Covid-19, mas utilizavam alguma imagem fúnebre (cemitérios e covas) para dimensionar a tragédia da pandemia em outras searas da vida.

Embora o *corpus* seja limitado às 45 ocorrências, compreendemos que a análise da materialidade audiovisual do *Jornal Nacional*, na cobertura das mortes na pandemia, deve considerar toda a complexidade de suas edições. Portanto, a interpretação dos dados compreende o todo em conjunto com as partes.

### 3.1.3 Pré-teste e resultados parciais

Após identificarmos o objeto audiovisual de análise, o *JN*, e elaborarmos a ficha de análise (tabela 7), realizamos um pré-teste do instrumento com três edições (de 5 mil, 100 mil e 500 mil mortes) da amostra de pesquisa, conforme nos sugere a AMA. Os seguintes eixos foram construídos como parâmetros de interpretação:

**(1) Números/Dados da Covid-19** - Foram analisadas as informações sobre a pandemia no país e no mundo. Destacamos imagens; caracteres que compõem as informações nas reportagens; falas dos repórteres; som ambiente; gráficos e infográficos que integram a narrativa da doença feita pelo telejornal.

**(2) Cemitérios, covas e caixões** - Foram considerados os elementos das edições que destacam o espaço cemiterial e tudo que representa a questão da morte: vídeos amadores dos familiares das vítimas da doença; covas sendo abertas e fechadas; cemitérios; despedida dos mortos; reportagens especiais que abordam os sepultamentos; o cenário do telejornal; a trilha sonora; as cores e a estética utilizada nas edições e os textos narrados.

**(3) Luto e vítimas do coronavírus** - Procuramos compreender de que forma as vítimas da doença são apresentadas pelo telejornal ao longo das edições. Assim como no eixo anterior, os elementos audiovisuais foram analisados.

Os resultados parciais apontam mudança na abordagem dos números de mortes da pandemia pelo telejornal. Na primeira edição, de 5 mil mortes, o telejornal trata os dados de forma breve, em notas ou reportagens, repassando as informações oficiais do Ministério da Saúde. Devido ao atraso dos dados por parte do órgão federal e o funcionamento do Consórcio de Imprensa, nas edições de 100 e 500 mil mortes, é possível identificar a criação de um quadro fixo somente para os dados da pandemia (imagens 13 e 14). Com a mudança, os mortos no *JN* foram ora representados por números, ora individualizados. Ao evidenciar as vítimas, suas histórias, seus sonhos e trajetórias, o telejornal incorporou aspectos dramáticos à narrativa como forma de produzir empatia no telespectador.

**Imagem 13** - Dados da pandemia no *JN* antes do atraso do Ministério da Saúde.



Fonte: *Globoplay (JN, abr., 2020)*.

**Imagem 14** - Dados da pandemia no *JN* depois do atraso.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2021).*

Na edição de 5 mil mortes, a estética<sup>43</sup> do telejornal “valorizava” a figura do vírus. A ilustração gráfica do novo coronavírus é utilizada como elemento imagético no telão ao fundo, enquanto os apresentadores, Renata Vasconcellos e William Bonner fazem as chamadas das matérias. As ilustrações do vírus foram utilizadas logo no começo da pandemia, em vários momentos, tanto no estúdio quanto em imagens externas (imagens 15 e 16).

**Imagem 15** - Ilustrações do coronavírus no telão do estúdio do *JN*.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020).*

<sup>43</sup> Os recursos visuais e sonoros.



**Imagem 16** - Ilustração do coronavírus ao lado dos caracteres da reportagem.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020).*

Nas edições de 100 mil e 500 mil mortes, essa estética foi alterada. As ilustrações que procuravam tangibilizar o novo coronavírus cederam lugar para as fotos das vítimas da Covid-19. O telejornal buscava evidenciar a dimensão humana da tragédia retratando o luto e a perda pela doença (imagens 15 e 17). A alteração foi acompanhada do discurso do telejornal de que “são pessoas e não números”.

**Imagem 17** - Telão de vidro depois da mudança.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago. 2020).*

Ao adotar o lado contrário ao discurso negacionista do ex-presidente Jair Bolsonaro, o *JN* buscou legitimar o discurso científico. O telejornal evocou a mitologia da profissão, colocando-se no patamar de “defensor da verdade”: a verdade científica.

Os números da Covid-19 traduzem a ameaça da morte “em dados científicos e gráficos que têm a pretensão de dar conta da realidade” (GOMES; REZENDE, 2021, p. 115), mas, além deles, as imagens de covas, caixões, hospitais lotados, vítimas, recuperados ou acometidos pela doença também dimensionam a tragédia e traduzem o sentimento de angústia, perda e risco. Esses números

tendem a modular o imaginário da pandemia à medida em que exploram o risco e o perigo do vírus. A narrativa telejornalística apresentou “as perturbações profundas que uma morte provoca no círculo dos vivos” (MORIN, 1997, p. 27). No caso da morte por Covid-19, apresentou não apenas uma, mas mais de 699 mil mortes.

#### 3.1.4 Novos eixos de interpretação do corpus

Após realizar o pré-teste, notamos que os eixos utilizados responderam algumas questões, mas ainda eram insuficientes para analisar todo o material do *corpus*. Decidimos, então, elaborar novos eixos de interpretação que estivessem em proximidade com os objetivos específicos da pesquisa. Selecionamos os nossos objetivos e os transformamos nas seguintes questões-eixos:

**Tabela 8** - Objetivos específicos e questões-eixos de interpretação

Objetivo específico	Questão-eixo
Verificar as diferenças e semelhanças na cobertura da Covid-19 nas dez edições do telejornal;	Houve mudança na apresentação do número de mortes ao longo das edições?
Analisar como o <i>JN</i> apresenta o número de mortes da Covid-19 ao longo das edições;	Como as mortes por Covid-19 estão presentes no <i>JN</i> ?
Analisar quais as estratégias utilizadas pelo <i>JN</i> para dimensionar a pandemia e informar o público sobre o risco e a tragédia em curso.	Como o <i>JN</i> utilizou a técnica jornalística para atribuir sentidos à pandemia?

**Fonte:** Autora (2023).

Compreendemos que a partir desses novos parâmetros, conseguiremos responder à questão central e alcançar os objetivos da pesquisa. No próximo capítulo, realizamos a análise dos dados.

## **CAPÍTULO 4 - O IMAGINÁRIO DA PANDEMIA**

#### 4.1 A cobertura do número de mortes por Covid-19 no JN

Antes mesmo de o novo coronavírus chegar ao Brasil, o *Jornal Nacional* já noticiava casos da doença e a situação de outros países afetados. Assim que foi notificado o primeiro caso no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, o telejornal buscou explicar como as pessoas poderiam se precaver da infecção e quando buscar ajuda caso tivesse Covid. As matérias do JN possuíam embasamento no discurso das autoridades sanitárias internacionais e nacionais, além de fontes especializadas na temática da infectologia.

O discurso científico de fontes especializadas tinha cunho educativo e visava instruir a população sobre os riscos de contágio pelo novo vírus. Nas edições de 2020, início da crise sanitária, havia uma preocupação do telejornal em mostrar como higienizar corretamente as mãos, manter o distanciamento físico e identificar os sintomas da doença (imagem 18). A reportagem da edição da primeira morte<sup>44</sup> era intitulada: “*Saiba quando procurar atendimento para o novo coronavírus*”.

**Imagem 18** - Reportagem ensinando a como lavar as mãos da forma correta para prevenir o novo coronavírus.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020)*.

A narrativa do telejornal reiterava o discurso científico sobre o novo coronavírus. Na ocasião, havia pouca informação sobre a atuação do vírus. Isso fica evidente na fala da repórter Graziela Azevedo que procura, paradoxalmente, tranquilizar e alertar as pessoas para os riscos do vírus. No texto da peça “*Nas redes pública e privada, o esforço é pela criação de mais leitos de UTP*”, Azevedo afirma que a maioria das pessoas pegará o vírus, mas que apresentará sintomas

---

<sup>44</sup> Foi ao ar no dia 17 de março de 2020, data da primeira morte notificada por Covid-19 no Brasil. Na época, era líder do Ministério da Saúde o médico Henrique Mandetta.

leves, sem complicações. O risco, conforme a repórter, é para algumas "categorias de pessoas", de grupos de risco, que possuem mais chances de morrer, segundo os dados disponibilizados naquele momento.

A primeira morte é o foco de somente uma peça na primeira edição. O título da reportagem é “*Homem de 62 anos é o primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil*”. Sem nome e sem rosto, a vítima foi apresentada por meio de recursos gráficos tridimensionais. As únicas identificações são de seu histórico de comorbidades (imagem 19). Não há um detalhamento maior sobre quem era a vítima.

**Imagem 19** - Ilustração gráfica da primeira vítima da Covid-19 no Brasil.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020).*

O telejornal dá mais destaque aos problemas causados pela pandemia em alguns estados brasileiros e no mundo. Os dados de mortes pela doença utilizados nas matérias são de outros países, como: China, Itália, Irã, Espanha e Coreia do Sul, que estavam com as mais altas taxas de mortalidade naquele momento. No Brasil, os números de casos confirmados do novo coronavírus ganham mais notoriedade.

O espaço hospitalar surge na edição como lugar de representação do contexto pandêmico daquele momento. Imagens de equipamentos e insumos hospitalares e de Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) sendo preparadas para receber os infectados (imagem 20) dão o tom da gravidade da doença que se espalha.

**Imagem 20** - Unidade de Tratamento Intensivo pronta para receber pacientes.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020).*

A primeira edição constrói uma atmosfera de risco de contaminação pelo novo coronavírus. O risco de morte fica em segundo plano. Os dados apontavam que poucas pessoas tinham chances de morrer em decorrência da Covid-19. Categorias específicas de pessoas como idosas, imunossuprimidas e com histórico de doenças respiratórias se tornam os grupos de risco.

Na edição das 5 mil mortes<sup>45</sup>, o Brasil havia ultrapassado a China, país onde o primeiro caso do novo coronavírus foi identificado. O destaque para os problemas da pandemia ocupa 11 dos 17 vídeos da edição. Das 11 peças que abordam a pandemia, cinco tratam as mortes por Covid. Na escalada<sup>46</sup> das matérias, o apresentador William Bonner descreve a situação caótica em que vive o país.

Ao relatar sobre a chegada às cinco mil mortes, o apresentador fala dos números que não são 100% precisos, mas que não deixam de ser impactantes. As vítimas, de acordo com Bonner, são “cidadãos que foram vencidos” pela Covid-19 e que os números de mortes “configuram como uma tragédia” (*JN, abr., 2020*).

Notamos uma das metáforas empregadas à pandemia (SANTOS, 2021)<sup>47</sup> que foi amplamente utilizada pelo telejornal: a crise como uma tragédia. Para reforçar o aspecto trágico que os 5 mil mortos simbolizavam, o telejornal fez analogia com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que afirma que, ao menos 20% dos municípios brasileiros, possuem menos de 5 mil habitantes.

<sup>45</sup> A segunda edição foi ao ar em 28 de abril de 2020. No dia, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi questionado em coletiva sobre o número de mortes e respondeu o “E daí?”, que repercutiu durante aquela semana e que foi lembrado pelo telejornal em editoriais seguintes.

<sup>46</sup> Destaques da edição do dia.

<sup>47</sup> Além da imagem de uma “catástrofe natural”, outras analogias estiveram presentes no imaginário coletivo da crise sanitária como a de que o vírus era um “inimigo”, um “mensageiro”, um “pedagogo” e tantas outras (SANTOS, 2021).

Podemos notar algumas diferenças e semelhanças entre as duas edições. O uso dos gráficos como recurso para dimensionar a mortalidade por Covid-19 no Brasil continuou. Mas, conforme já identificado no pré-teste, o *JN* alterou a forma de abordar e apresentar tais números. Na reportagem “*Cartórios registram aumento de 1.035% nas mortes por síndrome respiratória*”, por exemplo, junto aos gráficos e dados de mortes por Síndrome Respiratória Aguda (SRAG)<sup>48</sup>, são utilizadas fotos de vítimas da Covid (imagem 21). A repórter Graziela Azevedo intercala as histórias das vítimas com cenas de cartórios e cemitérios (imagem 22) que, segundo ela, “têm sido a tradução mais dramática da luta contra a pandemia da Covid-19” (*JN*, abr., 2020).

**Imagem 21** - Foto do auxiliar de enfermagem Eduardo Gomes da Silva que morreu de Covid.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

**Imagem 22** - Família da dona Maria do Carmo se despedindo da matriarca que faleceu sem causa da morte definida.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

---

<sup>48</sup> Nesse período, os testes para o novo coronavírus eram limitados. Algumas mortes que apresentavam sintomas semelhantes à Covid-19 foram declaradas como SRAG. Os cartórios registraram a alta nas certidões de óbitos, o que poderia indicar possível déficit no levantamento oficial de mortes em decorrência da Covid-19.

Assim como na primeira edição, na segunda os hospitais são invadidos pelas câmeras. O cenário é caótico e as imagens ilustram mais pessoas doentes em macas e equipamentos aguardando por pacientes (imagem 23). Outros lugares também se tornam evidentes na segunda edição porque ilustram a situação da crise sanitária: os cemitérios.

Logo na escalada da edição, as imagens de cemitérios em Manaus (AM) tomam a cena. Junto aos vídeos de profissionais da saúde, estão coveiros aparelhados com equipamentos de alta segurança abrindo covas e enterrando caixões (imagem 24). As cenas marcaram a pandemia da Covid-19 e nos remetem aos filmes de ficção.

**Imagem 23** - Pacientes internados em leitos de enfermaria.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

**Imagem 24** - Coveiros equipados levando caixão para o sepultamento.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

A reportagem intitulada “*Prefeitura de Manaus volta atrás e proíbe o empilhamento de caixões nos cemitérios*” mostra a capital amazonense, com número recorde de enterros e caixões



sendo empilhados em covas coletivas (imagem 25). A cidade foi uma das mais afetadas pela pandemia e passou por colapsos no sistema funerário e na ocupação de leitos em hospitais. Por causa das filas de sepultamentos, os cemitérios passaram a funcionar à noite, prática que dificilmente ocorria antes, mas que foi intensamente evidenciada pelo telejornal (imagem 6).

**Imagem 25** - Enterro coletivo em Manaus (AM).



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*

Outro aspecto que cabe destaque é a fala das fontes especializadas. Se na edição da 1ª morte os especialistas recomendavam como evitar a infecção pelo vírus, na edição de 5 mil mortes, eles reforçavam o discurso da OMS e de especialistas sobre as medidas de segurança sanitária e faziam críticas à falta de atitude do Governo Federal diante da crise.

É importante lembrar que o Governo Federal demorou a agir na pandemia. Os dois primeiros ex-ministros da saúde, Henrique Mandetta e Nelson Teich<sup>49</sup>, seguiam as recomendações da OMS que indicavam a prevenção e atenção de infectados. Ainda assim, a pasta demorou para tomar decisões importantes logo no início da crise. O Brasil foi um dos últimos países a implementar a obrigatoriedade de máscaras, de distanciamento, equipamentos de segurança individuais, quarentena e de realizar testes na população. Em poucos lugares foram exigidos *lockdown* e em nenhuma cidade os isolamentos físicos chegaram à totalidade da população.

Apresentada pelos jornalistas Mônica Teixeira e Flávio Fachel, a edição das 10 mil mortes<sup>50</sup> foi ao ar em um dia de sábado. Dos 25 vídeos que compõem a edição, 21 ocorrências abordam a pandemia no país. Oito delas têm como foco a marca das 10 mil vidas perdidas. Assim como nas edições anteriores (imagens 26 e 27), a terceira explora dados, gráficos e elementos tridimensionais

<sup>49</sup> O segundo a ocupar a pasta. Mandetta foi trocado porque seguia recomendações da OMS, na contramão do posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, negociante da pandemia.

<sup>50</sup> Foi ao ar no dia 09 de maio de 2020. Nelson Teich ainda era o líder do MS.

para dimensionar o caos da crise sanitária nos sistemas de saúde público e privado. Nesta edição, os recursos gráficos ganham novos formatos e são utilizados tanto em notas quanto em reportagens (imagem 28). Nas três edições, as informações sobre a crise sanitária são acompanhadas pelas ilustrações gráficas do vírus.

**Imagem 26** - Número de casos confirmados do novo coronavírus no Brasil em Março de 2020.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2020).*

**Imagem 27** - Linha evolutiva de mortes por Covid-19 no Brasil em abril de 2020.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2020).*



**Imagem 29** - Fotos das vítimas da Covid aparecem no telão de vidro ao fundo de Mônica Teixeira.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mai., 2020).*

O segundo ponto é o encerramento do telejornal. Nas edições anteriores (1ª morte e 5 mil mortes), tanto a abertura quanto o encerramento seguiram o padrão do telejornal com trilha sonora e cores vivas. Na edição de 10 mil mortes, o telejornal encerra a edição sem o “boa noite” de sempre e presta homenagem às mais de 10 mil vítimas do coronavírus. A câmera se encaminha para o telão que fica ao fundo da redação. Em silêncio e em tons escuros, surge uma figura que representa um recorte da bandeira nacional. O verde, amarelo e azul originais são ocupados pelo preto e cinza. O texto da imagem é “10.627 vidas perdidas” (imagem 30). As edições que seguem encerram no mesmo formato, trocando apenas o texto do telão de acordo com a quantidade de vítimas da Covid-19.

A morte está presente na edição em três formatos: em números (aspecto virtual), nas falas de personagens que narram a dor da perda de um parente e amigo (simbólico/luto) e nas imagens de cemitérios e caixões (registro audiovisual).

**Imagem 30** - Encerramento da edição com o telão de fundo da redação prestando homenagem às vítimas.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mai., 2020).*

A edição das 50 mil mortes<sup>52</sup> foi ao ar também no sábado, mas, diferentemente da anterior, foi apresentada pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos, os apresentadores fixos de segunda a sexta. Dos 22 vídeos que compõem a edição, 12 abordam a pandemia. Dos 12, somente quatro tratam sobre as vítimas da Covid-19.

Logo na escalada dos destaques da edição do dia, Bonner volta à metáfora da marca trágica que os números de mortes simbolizam. O editorial<sup>53</sup> "*Brasil ultrapassa 50 mil mortos pelo coronavírus*" abre a edição e dura três minutos e dezoito segundos. Os apresentadores intercalam entre si as partes do texto (imagem 31). Vasconcellos reforça a fala de Bonner sobre os números representarem “um marco trágico na pandemia”. Na peça, os apresentadores fazem pausas longas como estratégia para atribuir aspectos dramáticos ao que está sendo dito e assim, chamar atenção para o acontecimento.

---

<sup>52</sup> Foi ao ar no dia 20 de junho de 2020. Início do período em que o Ministério da Saúde ficou sem liderança. No início do mês o MS começou uma série de atrasos na divulgação dos dados da pandemia.

<sup>53</sup> Texto jornalístico de cunho opinativo que apresenta o posicionamento de um grupo ou veículo de imprensa sobre determinado acontecimento.

**Imagem 31** - Editorial do *JN* sobre as 50 mil mortes por Covid-19.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2020)*.

No editorial são explicados os sentidos dos termos “nação” e “empatia”. Nação, destaca Vasconcellos, “se define como a reunião de pessoas que compartilham sentimentos, afetos, laços, cultura, valores, uma história comum”. E empatia “é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente”. Para fazer com que os telespectadores manifestem solidariedade aos enlutados da pandemia, Vasconcellos complementa:

[...] Uma nação chora os seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. 50 mil! [Pausa] Diante de uma tragédia como essa, uma nação para ao menos um instante em respeito a tantas vidas perdidas. E é o que o Jornal Nacional está fazendo agora diante desses rostos que nós temos perdido desde março (*JN, jun., 2020*).

Bonner segue atribuindo o sentimento de tristeza à necessidade de explicar a atitude mencionada por Vasconcellos. O apresentador aborda a importância do trabalho da imprensa na pandemia e aponta ataques que o telejornal sofreu de “grupos minoritários” por escolher apresentar os fatos da crise. As menções não dão créditos ao presidente Jair Bolsonaro, mas fica implícito que o telejornal está se referindo a ele e seus seguidores. Outro ponto na fala de Bonner que cabe destaque é o discurso dos números que não são só números:

[...] E é um sinal muito triste dos tempos que nós vivemos que a gente tenha que explicar essa atitude. Não para a imensa maioria do povo brasileiro, de jeito nenhum! Mas para uma minoria muito pequena, mas muito barulhenta, para quem o que nós fazemos - o jornalismo profissional - deveria, senão fechar completamente os olhos para essa tragédia, pelo menos não falar dela com essa dor. O JN já lembrou que as vidas perdidas não podem ser vistas só como números. E a gente repete mais uma vez: respira! [Pausa] Vai passar! A gente repete também: 50 mil não são um número, são pessoas que morreram numa pandemia. Elas tinham família, mães, pais, filhos, irmãos, tios, avós, famílias. Tinham amigos, tinham

conhecidos, vizinhos, colegas de trabalho como nós aqui somos. E nós, como nação, devemos um momento de conforto para todos eles [...] (Idem).

Notamos dois contextos paradoxais no texto narrado pelos apresentadores: a tragédia que é momentânea e os números que são mais que meros números. Ao passo que pedem para dar uma pausa e respirar, os apresentadores também enfatizam que o acontecimento não será esquecido, que a história se encarregará de apontar os culpados, negligentes, omissos e também os heróis da pandemia.

Nesta edição também é possível identificar o início da mudança na estética do telejornal. Conforme adiantamos no pré-teste, o *JN* alterou a configuração visual durante a pandemia. Foi retirada a figura do novo coronavírus do telão de vidro ao fundo dos apresentadores, e no lugar foram colocadas as fotos das vítimas da Covid-19 (imagens 15 e 17). A mudança foi anunciada oficialmente por Bonner no dia 14 de maio de 2020. Como demonstramos na edição anterior (imagem 29), essa alteração vinha sendo trabalhada no telejornal antes do anúncio.

O drama da pandemia no país é abordado em matérias que mostram familiares e doentes necessitando de atendimento médico, em meio à superlotação de hospitais. A temática da morte por Covid-19 aparece ainda em outras duas peças: na nota coberta<sup>54</sup> "*Governo do Amazonas retira câmaras frigoríficas que estavam ao lado de hospitais em Manaus*" e na nota pelada "*Ministério da Saúde registra 49.976 mortes pela Covid-19*".

A última peça da ocorrência também aborda as mortes por Covid-19, mas foca nos pacientes que se recuperaram da doença. O título chama a atenção: "*Ritual da vitória*" traz *esperança a pacientes e profissionais da saúde*". A reportagem ilustra tal aspecto "ritualístico" que foi incorporado aos pacientes que sobreviveram à doença e deixaram os hospitais.

A ocorrência mescla vídeos amadores com baixa resolução que foram gravados em recepções e corredores hospitalares. As imagens mostram profissionais da saúde aplaudindo pessoas que sobreviveram à doença. Ainda debilitados, os pacientes saem carregados em cadeiras de rodas (imagem 32). Alguns levam folhas de papel com textos como: "venci a Covid". A emoção dos recuperados é destacada e as imagens dos pacientes são acompanhadas de dados de pessoas que morreram, foram infectadas e sobreviveram ao vírus (imagem 33). O ritual dos recuperados também foi reproduzido em outras edições.

---

<sup>54</sup> Informação repassada pelo (a) apresentador (a) com o auxílio de imagens de apoio.

**Imagem 32** - Paciente recuperado recebendo alta de hospital no Ceará.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2020).*

**Imagem 33** - Vídeo amador de paciente sendo internada em hospital no Ceará.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2020).*

A narrativa da tragédia que foi iniciada na edição cedeu lugar para outro discurso: a alegria de poder contar quem “venceu a batalha” contra o vírus. No encerramento, Vasconcellos presta solidariedade às famílias e amigos que não puderam celebrar o ritual da vitória. A edição também finaliza em silêncio, marcando o telão ao fundo com o texto “50.058 vidas perdidas” e a bandeira nacional em tons escuros.

Assim como a anterior, a edição das 100 mil mortes<sup>55</sup> foi ao ar no sábado e teve como apresentadores Bonner e Vasconcellos. No total de 21 vídeos, dez abordam a pandemia, sendo seis deles sobre as vítimas da Covid. Após a escalada das matérias do dia e do “boa noite” inicial, o telejornal abre com a vinheta e a câmera faz um movimento de *tracking*<sup>56</sup> em direção ao fundo da

<sup>55</sup> Foi ao ar no dia 08 de agosto de 2020. O Ministério da Saúde ainda estava sem chefe principal da pasta. O general Eduardo Pazuello chefiava de forma interina.

<sup>56</sup> Tipo de movimentação em que a câmera se movimenta fixada em uma base.



redação para destacar o telão com o texto “100.543 vidas perdidas”. Notamos logo no início o aspecto visual adotado pelo telejornal para representar o luto nacional.

O editorial “*Covid: Constituição diz que é dever do Estado evitar doenças — esse dever foi cumprido?*” é a ocorrência que abre a edição. Ao apresentar um trecho do Artigo 196 da Constituição Federal, que prevê o direito à saúde, a imagem com a bandeira brasileira acompanhada por fotos das vítimas serve de fundo para a fala de Bonner (imagem 34).

**Imagem 34** - Artigo 196 da Constituição Federal de 1988.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

O telejornal reproduz a estratégia utilizada no editorial das 50 mil mortes. Faz menção direta às falas do presidente Jair Bolsonaro que ignoram as mortes e a pandemia. Alternando a leitura entre eles, os apresentadores utilizam uma linguagem de proximidade com o público. O uso do “nós” e “você” remete à ideia de intimidade entre os mediadores e seus telespectadores, provocando identificação, e o tom escolhido para o discurso possui sentidos dramáticos e trágicos, conforme podemos observar a seguir:

Renata Vasconcellos -

[...] Quando os cientistas defendiam mundo afora o isolamento social como única medida capaz de conter o avanço *dessa tragédia*, os brasileiros viam o presidente criticar essa iniciativa diariamente, na contramão do bom senso daqueles governadores que a defendiam (grifo nosso, *JN, ago., 2022*).

Notamos novamente a imagem da tragédia sendo construída na narrativa. Os apresentadores destacam falhas e omissões de Bolsonaro e do Governo Federal e questionam se ele e os demais representantes políticos cumpriram o papel de garantir o direito à saúde aos brasileiros. O telejornal ainda se coloca como sujeito atuante diante do acontecimento pandêmico.

A narrativa “são vidas e não somente números” se cristaliza no próprio cenário (imagem 35). Fotos dos rostos das vítimas estão presentes no telão ao fundo durante a leitura do editorial e nos remete ao sentimento de perda, mas também de injustiça, devido à negligência do poder público em não cumprir seu dever constitucional.

**Imagem 35** - Fotos das vítimas no telão ao fundo de Vasconcellos e Bonner.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

Cabe destaque para o pedido de resposta<sup>57</sup> que ambos os apresentadores mencionam, projetando um futuro em que as ações tomadas diante da crise (sejam elas certas ou erradas) serão revistas e avaliadas - assim como na edição das 50 mil mortes. Observamos o telejornal se colocando como uma fonte histórica, em que as produções se tornarão importantes materiais de memória, podendo ser revistos e utilizados como prova documental da tragédia.

Nas imagens das matérias aparecem recordações (fotos) das vítimas da Covid-19. As falas são de familiares emocionados e enlutados. Surgem hospitais, leitos e covas abertas e fechadas. As cenas buscam apresentar os sentimentos de luto e tristeza das pessoas que perderam alguém próximo. As narrativas apresentam perfis das vítimas e seus *hobbies*, sonhos, desejos, realizações, dialogando com o discurso do telejornal de que são pessoas e não números.

Destacamos a entrevista de uma das enlutadas, Silvia Maria Zoraski, falando sobre a perda do esposo na reportagem “*Parentes lembram vítimas da pandemia que atinge brasileiros de várias origens e idades*”. Zoraski compara a doença com uma catástrofe natural: [...] “É tudo muito rápido. É que nem um furacão mesmo. Passa e faz um estrago e você fica refém sem saber se ela pode voltar” (*JN, ago., 2022*). Soma-se o sentido catastrófico à imagem trágica da pandemia.

<sup>57</sup> Ao relembrar a Constituição e citar as ações do governo federal, a apresentadora Renata Vasconcellos questiona: [...] o presidente da República cumpriu esse dever? Entre os governadores e prefeitos, quem cumpriu, quem não cumpriu? Mais cedo ou mais tarde o Brasil vai precisar de resposta para essas perguntas. É assim nas democracias e nas repúblicas em que todos temos direitos e deveres. E onde ninguém está acima da lei (*JN, 08 de agosto de 2020*).

Entre as falas tristes, existem recomendações. Alguns dos enlutados alertam sobre a importância de se cuidar, se proteger. Falam a partir da experiência de quem viveu a Covid-19 e perdeu alguém, ressaltam a dor e o medo de sofrer mais perdas. Os testemunhos reforçam o risco da catástrofe e tratam o coronavírus como um inimigo “invisível” e perigoso.

Junto às peças que tratam de perda e luto, o telejornal retorna outro discurso da edição das 50 mil mortes. Na reportagem “*Sem respiradores, médicos usam unidade manual de respiração artificial em UTIs do MS*”, Bonner introduz: “em Mato Grosso do Sul, devolver a saúde para quem precisa de um respirador neste momento da pandemia é uma tarefa para heróis” (JN, ago., 2022). As imagens que surgem foram captadas em uma UTI e mostram pacientes entubados com rostos desfocados, mantidos vivos por profissionais que manuseiam respiradores artificiais (imagem 36). O trabalho é mecânico e demanda esforço por longos períodos de tempo. Por seus esforços nos cuidados dos doentes, o telejornal atribuiu aos profissionais da saúde o título de “heróis” da pandemia.

**Imagem 36** - Profissional da saúde manuseando uma unidade manual de respiração artificial.



**Fonte:** *Globoplay* (JN, ago., 2020).

Os mitos bélicos surgem na edição tanto na figura dos trabalhadores da saúde, como em pessoas que conseguiram se recuperar da doença. É exemplo a reportagem “*Grávida que teve Covid-19 reencontra filho prematuro que ficou 2 meses internado*”, que aborda a história de superação de Jussara Ferreira quando estava grávida e contraiu Covid-19. A narrativa do telejornal constrói uma imagem de Jussara como “mulher guerreira”, que lutou junto com o filho e venceu a doença. O testemunho de superação de Jussara toma a peça.

Observamos dois sentidos atribuídos à noção de guerra na edição. No primeiro, existe a ideia de cenário caótico instaurado pelo vírus que determina um inimigo comum e heróis

combatentes de guerra (os profissionais da saúde). No segundo, faz-se a caracterização de uma heroína que venceu uma batalha individual contra o inimigo. Ao imaginário social da pandemia, o telejornal atribuiu os sentidos trágicos, catastróficos e bélicos.

As demais peças que imbricam a temática da pandemia com as mortes pela Covid-19, são para destacar que enquanto autoridades e sociedade civil manifestavam solidariedade ao momento de sofrimento nacional, o ex-presidente Jair Bolsonaro não se pronunciou em respeito às vítimas. A ênfase na falta de uma postura solidária por parte do chefe de Estado brasileiro foi constantemente falada no telejornal. Da mesma forma, as críticas feitas por lideranças públicas e demais personagens ao trabalho do Governo Federal tiveram espaço nas matérias das edições da amostra desta pesquisa.

Na edição das 100 mil mortes, o quadro temático que faz o “balanço da pandemia” é o grande diferencial em relação às edições anteriores. Ele se tornou fixo no telejornal e nesta edição é apresentado pelo jornalista Alan Severiano. Os dados expostos são do Consórcio de Veículos de Imprensa, coletados nas Secretarias Estaduais de Saúde. A peça possui duração de cinco minutos e três segundos e aparece como penúltima peça da edição.

Os dados ajudam a compreender a crise sanitária. A partir de gráficos, ilustrações, números e termos técnicos (média móvel de casos, taxa de contaminados e de infecção, etc), é possível ter uma dimensão da situação do país em geral e de cada estado federativo com o auxílio de números e cores (imagem 37).

**Imagem 37** - Dados de mortes por Covid-19 no Brasil.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

Assim como nas edições anteriores, os dados são empregados nas matérias como parâmetro para se demonstrar a crise, inclusive em comparação com os números de casos e vítimas de outros

países. Nesta edição, cabe destaque à importância que se confere ao número de mortes no quadro. Eles são os que mais se evidenciam e trazem um sentido trágico à edição, principalmente pela ênfase na quantidade.

Da infecção até a morte do paciente é um período relativamente longo. Em países como o Brasil, por exemplo, o atraso na confirmação da infecção e da morte por Covid-19 dificultou que se pudesse ter uma dimensão mais precisa da situação da crise no país. Nessa peça, os números de casos confirmados e recuperados<sup>58</sup> da doença parece não chocar da mesma forma que o número de mortes.

Como valor-notícia para o jornalismo, a morte gera impacto. A morte e o risco de morte são formas que se adequam aos critérios de noticiabilidade da informação jornalística. Compreendemos que o enquadramento do número de mortes possui o maior destaque na peça porque o olhar jornalístico foca no impacto da informação.

Temos visto até o momento, a tentativa de o telejornal apresentar pessoas e não somente números nas edições analisadas. Entretanto, o quadro temático demonstra a complexidade da situação pandêmica, que faz o jornalismo recorrer ao racionalismo dos números para representar os impactos da crise no país. Isso reflete em outro aspecto a ser destacado no quadro, que são os avanços da pandemia demonstrados a partir de uma “linha do tempo” numérica de casos e de mortes pela doença (imagem 38). Portanto, a crise é dimensionada em histórias de vidas das vítimas, mas também pela virtualidade dos números.

**Imagem 38** - A linha do tempo da evolução de mortes por Covid-19 no Brasil.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

<sup>58</sup> Os dados não são abordados pelo telejornal no quadro, somente nas matérias que tratam das personagens que conseguiram vencer a doença.

A ocorrência que encerra a edição é uma reportagem longa intitulada: “*Palavras de conforto: diante de 100 mil vítimas, a dor nos faz descobrir que somos iguais*”. A peça utiliza elementos diversos, todos simbólicos: em forma de palavras, imagens e sons. Foram entrevistados especialistas (psicólogo, psicanalista, filósofo) e líderes de várias religiões (de matriz africana, judaico cristã, católica, protestante, budista, islã), conferindo um sentido de que, independentemente das crenças, a pandemia afeta a todos.

Mesclando as falas dos personagens, a peça explora símbolos e imagens religiosas (imagem 39), a natureza, os animais, pessoas trocando afetos, vítimas da doença, pontos turísticos no país. As transições<sup>59</sup> entre cada cena são suaves, encaixam a trilha e a sonora<sup>60</sup> do repórter, Pedro Bassan, em todos os elementos citados. Com o apelo à espiritualidade, notamos que a doença ultrapassa a esfera científica, pois, até então, os pesquisadores ainda estavam desenvolvendo uma vacina para a Covid-19. Em frente ao painel de fotos das vítimas, Pedro Bassan faz a passagem<sup>61</sup> de máscara, enfatizando a solidão como uma marca de sofrimento na pandemia (imagem 40).

**Imagem 39** - Transições com cenas de imagens religiosas.



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

<sup>59</sup> Recurso usado nas edições de vídeos para “suavizar” a passagem de uma cena para a outra.

<sup>60</sup> Fala do repórter somente em áudio.

<sup>61</sup> Momento em que o repórter aparece na reportagem.

**Imagem 40 - Passagem do repórter Pedro Bassan.**



**Fonte:** *Globoplay (JN, ago., 2020).*

Para evitar o contágio, hospitais e velórios reduziram o acesso de famílias aos doentes e mortos e essa modificação nos rituais foi destacada pelo repórter. As falas dos personagens, especialistas e religiosos suscitam um sentimento de esperança, compartilhamento da dor e consolo aos familiares e amigos das vítimas. Depois dessa reportagem, o *JN* encerra retornando a câmera para o fundo da redação em total silêncio, mostrando os números de mortes, assim como no início da edição.

Em 2021, segundo ano da pandemia, alguns países já haviam iniciado campanhas de vacinação da população. No Brasil, buscava-se pela aprovação de imunizantes pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A primeira vacina a ser aprovada pela Anvisa para uso emergencial contra a Covid foi a CoronaVac<sup>62</sup>. Ela começou a ser aplicada em 17 de janeiro<sup>63</sup>. Logo outros laboratórios encaminharam pedidos e outras vacinas foram incorporadas ao “plano” de vacinação<sup>64</sup>.

Na edição das 200 mil mortes<sup>65</sup>, o *Jornal Nacional* faz novamente divulgação científica. Foi criada uma atmosfera de insegurança, estimulada principalmente pelo presidente Jair Bolsonaro, em relação à vacinação da população contra a Covid-19. Com a necessidade de explicar sobre o processo de pesquisa e desenvolvimento de imunizantes, o *JN* apresenta a reportagem "*Butantan*

<sup>62</sup> Governo Federal. “Anvisa aprova por unanimidade uso emergencial das vacinas”. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-aprova-por-unanimidade-uso-emergencial-das-vacinas>. Acesso em: 10 fev. 2023.

<sup>63</sup> A primeira pessoa a ser vacinada contra a Covid-19 foi a enfermeira Mônica Calazans.

<sup>64</sup> Não houve a criação de um plano nacional de vacinação da população contra a Covid-19. Os trâmites tiveram diversos questionamentos quanto à compra e distribuição de imunizantes no país. As falhas também foram abordadas na “CPI da Covid” no Senado Federal.

<sup>65</sup> Foi ao ar no dia 07 de janeiro de 2021, um dia após a invasão ao Congresso Americano. A repercussão do acontecimento ocupa quase metade das peças da edição. Era ministro da saúde o General Pazuello.

anuncia que CoronaVac tem 100% de proteção contra casos graves de Covid" como forma de estimular a população a aderir aos imunizantes (imagem 41).

**Imagem 41** - Dados sobre a eficácia da CoronaVac nos voluntários.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jan., 2021).*

Com a chegada das vacinas, projetava-se que até o final de 2021, os brasileiros estariam imunizados contra o novo coronavírus e a vida poderia ser retomada. O início do ano renovava as esperanças de que o cotidiano voltaria ao normal, mas janeiro de 2021 também foi o ponto inicial da segunda onda da pandemia. Junto à esperança da vacina estava o risco de morte pela doença. Somente nos primeiros seis meses do ano foram registradas mais de 300 mil mortes pela Covid.

Entre as quatro ocorrências que abordam as mortes em função da doença estão: o quadro temático dos números da pandemia, duas reportagens e uma nota pelada. O quadro temático é dividido em dois blocos. O primeiro apresenta todos os dados da pandemia no país com infográficos, e o segundo é uma reportagem produzida pelo jornalista Alan Severiano, das “*histórias de quem perdeu a vida para a Covid*”. Destacamos um trecho do diálogo entre Bonner e Severiano, na passagem do primeiro bloco para o segundo:

Bonner -

Então, Alan, vou pedir licença a você só um minuto para dividir algo com o público que você nos trouxe hoje. O Alan Severiano lembrou o seguinte: essa evolução dos dados é obviamente uma *tragédia*, mas como essa *tragédia se traduz em números a gente vai perdendo naturalmente a noção* de uma coisa que é fundamental porque eram 200 mil vidas. 200 mil cidadãos. Pessoas que fazem falta para pessoas como o Alan disse pra gente. Ele pediu - e nós vamos fazer isso -, ele pediu a oportunidade de a gente fazer uma homenagem que mostre o nosso respeito por essas pessoas, né Alan?! (grifo nosso, *JN, jan., 2021*).



O discurso do telejornal - que buscava conscientizar as pessoas de que os números eram incapazes de traduzir por completo as mortes - finalmente reconheceu a naturalização dos dados. O reconhecimento é acompanhado de ênfases na tragédia que os dados representavam: as vidas perdidas.

Notamos ainda a tentativa de o telejornal cumprir com a proposta de sua criação, de apresentar um panorama nacional<sup>66</sup> dos acontecimentos no Brasil. Na reportagem que segue como segundo bloco, Severiano apresenta os perfis de algumas vítimas. São selecionadas cinco histórias, uma de cada região do país, dos estados: Amazonas, Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio Grande do Sul. O recorte é uma tentativa de demonstrar as consequências da pandemia em cada parte do país.

A ilustração gráfica do mapa brasileiro destaca fotos, nomes e idades das vítimas (imagem 42). No texto de descrição da peça disponível no *Globoplay*, a reportagem é uma forma de o telejornal homenagear todas as vítimas da Covid.

**Imagem 42** - Homenagem do *JN* às vítimas da Covid-19.



**Fonte:** *Globoplay* (*JN*, jan., 2021).

Como diferencial das outras edições, Jair Bolsonaro finalmente se pronunciou em relação às mortes, e Bonner descreve o texto publicado na rede social digital do presidente.

O período de março de 2021 seguia caótico. Morriam mais de duas mil pessoas por dia. O *Jornal Nacional* foi ao ar no dia em que o país atingiu os 300 mil mortos pela Covid. É a edição

---

<sup>66</sup> Tópico três do capítulo dois, onde falamos sobre a história do telejornal.

mais curta da amostra (30 min 16 seg)<sup>67</sup> e também a que tem menos vídeos (total de dez). Oito ocorrências abordam a pandemia e delas somente duas são sobre as vítimas.

Em março, um ano após a OMS reconhecer oficialmente o início da pandemia<sup>68</sup>, o Governo Federal decidiu criar um comitê de combate à Covid. Diante das altas taxas de casos e mortes, a emissora Rede Globo decidiu paralisar novamente as produções de setores como o entretenimento.

Notamos que a temática da morte, mesmo com os números altos, ganha pouco destaque na edição. A nota pelada "*Ministério da Saúde suspendeu as mudanças no preenchimento das fichas de casos e mortes de Covid*" aborda apenas as alterações da pasta ministerial na coleta dos dados da pandemia. Os únicos momentos em que as fotos das vítimas surgem no *JN* é quando Bonner transmite a nota, ocupando o tempo de 42 segundos (imagem 43), e Alan Severiano apresenta os dados da pandemia (imagem 44).

**Imagem 43** - Fotos das vítimas no telão de vidro ao fundo de Bonner.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2021).*

---

<sup>67</sup> O tempo curto da edição é devido à programação da emissora. Em algumas quartas-feiras são transmitidos jogos de futebol de campeonatos brasileiros. O esporte havia paralisado na pandemia e foi retomando aos poucos e a programação da emissora também retomou as transmissões.

<sup>68</sup> Em 11 de março de 2020.

**Imagem 44** - Fotos das vítimas estão à direita do telão.



**Fonte:** *Globoplay (JN, mar., 2021).*

Nesta edição, a morte por Covid-19 fica restrita ao quadro temático e ao encerramento do telejornal - assim como na imagem 29 -, ou seja, aos números da pandemia. Notamos também um retorno da estética do telejornal à forma como cobria os acontecimentos antes da pandemia. Mesmo a temática do novo coronavírus ocupando oito dos dez vídeos da edição, os recursos visuais do telejornal exploram mais as vacinas do que a marca trágica das 300 mil mortes.

Em abril de 2021, as mortes chegaram a mais de três mil por dia. No dia 29, o país atingiu a marca das 400 mil vítimas, sendo 200 mil a mais que em janeiro. Com o colapso nos sistemas de saúde público e privado, o *Jornal Nacional* cobriu o acontecimento<sup>69</sup>. Na escalada da edição, o tema principal é a pandemia. As duas primeiras peças, o quadro temático dos dados e uma reportagem abrem a edição para abordar as mortes. O quadro que apresenta o “balanço da pandemia” é dividido em dois blocos; sendo um deles para as informações de casos e mortes, e o outro para as taxas de aplicação das vacinas.

Destacamos do primeiro bloco os trechos do diálogo entre Bonner e Fabio Turci - que apresenta o quadro nesta edição. Bonner diz: “o luto dos brasileiros atingiu mais um marco simbolicamente trágico na pandemia”, e Turci completa: “trágico pelo número em si e também pela velocidade com que chegamos até ele”. Turci enfatiza a forma como a pandemia piorou desde a primeira morte, em março de 2020, utilizando de gráficos lineares que pontua as datas de algumas das marcas trágicas (imagem 45).

<sup>69</sup> A edição das 400 mil mortes foi ao ar no dia 29 de abril de 2021. O acontecimento que ganhava notoriedade além da pandemia naquele período, era a CPI da Covid no Senado Federal, que começava a convocar testemunhas, como os ex-ministros da saúde e o então ministro Marcelo Queiroga.

**Imagem 45** - Linha do tempo da evolução dos óbitos por Covid-19 no Brasil.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

Nesta edição, as fotos das vítimas retornam ao telão de vidro. A morte na pandemia também ganha outro formato devido à saturação de hospitais com doentes da Covid, à falta de insumos hospitalares e ao atraso no atendimento de pacientes que provocaram outras mortes. Por isso, Vasconcellos destaca que os 400 mil mortos não representam todas as vítimas fatais da pandemia. A narrativa se distingue do discurso das edições anteriores em que o telejornal defendia que a quantidade de mortes da Covid era a cristalização da tragédia da pandemia no país.

Das duas peças da edição que abordam as mortes na pandemia, a reportagem: "*Com hospitais lotados, mortes por outras doenças aumentam durante a pandemia*" mescla falas tristes de parentes enlutados, exemplificando o que Vasconcellos alertou. O tempo de duração da reportagem é de cinco minutos e seis segundos e há uma quantidade grande de imagens de UTIs lotadas, ambulâncias em atendimento, doentes acamados (imagens 46 e 47) e caixões sendo transportados. No texto, o repórter Hélder Duarte compara a crise no sistema de saúde a um tsunami que "varreu" o país de norte a sul.

**Imagem 46** - Paciente sendo removido da maca para o leito.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

**Imagem 47** - Paciente chegando ao hospital.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

A preocupação que se cria na edição é com a falta de suporte nos hospitais diante da possibilidade de novas variantes do novo coronavírus chegarem ao país, e com a distribuição de vacinas para a população. Com isso, cinco peças da edição são dedicadas à temática dos imunizantes e explicam como funciona o transporte e a eficácia das vacinas (imagem 48). Um diferencial desta edição em relação às anteriores é o intervalo entre os blocos. Nas idas aos comerciais, o telão de vidro do *JN* destaca o número de mortes (imagem 49).

**Imagem 48** - Ilustração gráfica da vacina contra a Covid.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

**Imagem 49** - Fim do primeiro bloco da edição.



**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

A edição de 400 mil mortes deu notoriedade aos sobreviventes da Covid. O “ritual dos recuperados” voltou a se repetir. A edição finaliza com uma reportagem narrada por Bonner, que conta a história de uma família sobrevivente da Covid. Fernando, esposo e pai, repassa uma mensagem de consolo. A foto da filha recém-nascida de Fernando, Manuela, antecede o telão de vidro ao fundo da redação com a mensagem de luto (imagem 50). O sentimento evocado na peça é o de esperança, como destaca Vasconcellos, em meio a tantas perdas e sofrimento.

**Imagem 50 - Manuela.**

**Fonte:** *Globoplay (JN, abr., 2021).*

O primeiro semestre de 2021 finaliza com outro marco trágico: as 500 mil mortes. Em meio a protestos e cobranças, o presidente Jair Bolsonaro produzia aglomerações em comícios e palanques pelo país. O exemplo negativo do líder do poder público, provocando aglomerações e não se manifestando em solidariedade às vítimas, é matéria na edição do telejornal.

No dia 19 de junho, novamente um sábado, Bonner e Vasconcellos usam roupas em tons escuros para falar sobre a tragédia das 500 mil vidas perdidas pela Covid. No total de 19 vídeos da edição, oito são sobre as mortes em função da doença. A temática da morte abre e encerra a edição. As fotos das vítimas não ocupam mais o telão ao fundo dos apresentadores. O único momento em que aparecem na edição é no quadro temático dos dados da pandemia (imagens 44 e 45).

O quadro especial que abre a edição (imagem 51) mostra uma linha do tempo das marcas: 100, 200, 300, 400 e 500 mil mortes. Com o recurso de elementos gráficos e em tons escuros, as cenas são alternadas entre formas gráficas de pessoas sem rostos, em espaços privados e públicos, simbolizando as suas partidas. A trilha sonora é o som de um violino. Para os 100 mil mortos é destacada a figura de uma senhora num quarto, sentada à beira da cama. Para as 200 mil, uma sala de cirurgia de um hospital com profissionais e um paciente numa maca. O interior de um transporte público com pessoas é a cena dos 300 mil. A figura do ator e comediante Paulo Gustavo em um teatro simboliza a chegada aos 400 mil mortos. Para os 500 mil se vê as figuras de pais sem detalhes, segurando seus filhos numa praça pública (imagem 52). E o vídeo finaliza com a frase: “500.000 ausências”.

**Imagem 51** - Quadro que abre a edição.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2021).*

**Imagem 52** - Quadro que abre a edição.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2021).*

A narrativa da edição, como a primeira ocorrência ilustra, demonstra que os números não dão conta de simbolizar meio milhão de vidas perdidas. As mortes implicam na dor de milhões de pessoas, e a marca trágica configura um luto nacional. Nas peças que abordam as manifestações de lideranças políticas sobre as mortes, cenas de hospitais são intercaladas com imagens de arquivo de enterros e covas abertas em cemitérios (imagem 53).



**Imagem 53** - Cenas aéreas de covas abertas em cemitérios.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2021).*

Observamos que as falas e pronunciamentos de fontes são exploradas em todas as edições da amostra. Os discursos que ganham notoriedade são críticos à gestão do Governo Federal na crise sanitária (imagem 54) e favoráveis à ciência. O recurso complementa as matérias que enfatizam a importância da vacinação e do trabalho para conter o vírus.

**Imagem 54** - *Print's* de postagens em redes sociais digitais de partidos políticos sobre as 500 mil mortes.



**Fonte:** *Globoplay (JN, jun., 2021).*

Em nossa pesquisa, observamos o quanto o telejornal optou por se pronunciar durante a crise sanitária. Conforme analisamos nas edições anteriores, o veículo observou a necessidade de falar sobre algumas das marcas, atribuindo sentidos à pandemia, apontando os problemas e cobrando ação do Governo Federal. A peça que finaliza a edição das 500 mil mortes é um editorial narrado por Bonner e Vasconcellos que relembra as coberturas do telejornal sobre a pandemia, faz

críticas indiretas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e convoca o telespectador novamente a compartilhar o sentimento de empatia.

Os avanços da vacinação começaram a refletir na desaceleração da pandemia, mas o segundo semestre de 2021 ainda contou com mais uma marca trágica: as 600 mil mortes. Mesmo com o acontecimento, a última edição da amostra<sup>70</sup> apresenta uma variedade de temáticas<sup>71</sup> trabalhadas no telejornal. Assim como nas edições que fazem parte do segundo ano da pandemia, a vacinação da população é a temática mais evidenciada. Quando as mortes são o foco das peças, as fotos das vítimas permanecem no telão de vidro.

Entre as peças da edição que abordam a morte por Covid, destacamos a reportagem de encerramento narrada pelo jornalista Alan Severiano, afirmando que a pandemia “interrompeu o futuro e os sonhos de mais de 600 mil pessoas” que não puderam esperar a vacina. Na ocorrência, especialistas criticam o Governo Federal, atribuindo a responsabilidade pela morte de mais de 400 mil brasileiros. Mas o foco da reportagem recai sobre as histórias de algumas das vítimas. Familiares são entrevistados e descrevem como eram seus parentes vítimas do vírus. Cada personagem tem seu perfil criado a partir das narrativas e de fotos. Conforme as histórias de vida são contadas, surgem compilados de fotos de momentos registrados (imagem 55). A trilha é instrumental e remete à tristeza. Os planos das imagens são detalhes e focam nas emoções dos familiares enlutados (imagem 56).

**Imagem 55** - Fernando Pinheiro, de 54 anos, vítima da Covid.



**Fonte:** *Globoplay (JN, out., 2021).*

<sup>70</sup> Foi ao ar no dia 08 de outubro de 2021. O dia também é marcado pela premiação do Nobel da Paz que foi para os jornalistas Maria Ressa e Dmitry Muratov. Na edição do telejornal, uma reportagem mostra o crescimento na violência contra jornalistas no mundo. O Brasil integra a lista de países mais hostis para profissionais da imprensa. A figura principal apontada como “predador da imprensa” no país, é o ex-presidente Jair Bolsonaro.

<sup>71</sup> Política, economia, criminalidade, religião, esporte, internacional, etc.

**Imagem 56** - Elizabete Martins da Silva, mãe da vítima da Covid Sheila Cristina da Silva.



**Fonte:** *Globoplay (JN, out., 2021).*

A dor que suscita no luto só existe quando se partilha da individualidade de quem se foi (MORIN, 1976). Como podem os números provocarem dor no outro se eles não apresentam essas individualidades? O *JN* observou que os números não têm a capacidade de representar todas as individualidades das vítimas da pandemia. A tentativa de humanizar os números, a partir das vozes dos enlutados, foi a estratégia que o telejornal encontrou para trazer as vítimas à cena. E assim como as histórias, os pronunciamentos do telejornal nos editoriais e os textos narrados pelos repórteres também evocaram o luto como um sentimento compartilhado por toda a nação brasileira.

## CONSIDERAÇÕES

A pandemia do novo coronavírus nos colocou frente a frente com o único mal irremediável. Fez emergir um medo antigo: o da morte. Trouxe a incerteza, o invisível, o imensurável. O vírus que acomete a carne rapidamente pôs à prova o paradigma moderno de que tudo é calculável, passível de controle. A Covid-19 mostrou a fragilidade e as limitações do ser humano. O espalhamento da doença impôs regras e tempos diferenciados. O vírus nos fez sentir medo da contaminação e escancarou as mazelas históricas e abissais que assolam as sociedades contemporâneas. O “novo tempo” instaurado pelo vírus apresentou o seu caráter trágico e catastrófico. Talvez o século XXI comece de fato com a pandemia (SANTOS, 2021).

Desde dezembro de 2019, acompanhamos o acontecimento pandêmico por meio dos noticiários televisivos e redes sociais digitais. E antes mesmo de a OMS apontar para um possível risco à saúde mundial, o novo coronavírus já havia nos afetado a partir das mídias. As imagens dos hospitais lotados, doentes acamados e cemitérios com covas abertas e fechadas passaram a ser uma experiência compartilhada por pessoas que buscavam por informações sobre a pandemia. Acreditamos que essas imagens estão imbricadas ao imaginário social da “peste” do início do século XXI.

O *Jornal Nacional* dimensionou as consequências da pandemia por meio de taxas de mortalidade, de contaminação, de casos confirmados, entre outras estratégias. A cronologia do acontecimento passou a figurar nos gráficos que demonstravam seus avanços e retrocessos. Paradoxalmente, o dispositivo alertava o telespectador para que não houvesse anestesiamento diante de tais números, humanizando as mortes através de rostos, perfis e histórias de vida.

O *JN* buscou reiterar o discurso científico e os aconselhamentos da OMS, como o distanciamento físico, a não aglomeração, o uso de máscara e a higiene das mãos e objetos. A partir das ilustrações e das falas dos personagens nas matérias, o telejornal procurou fazer com que os telespectadores compreendessem os riscos do vírus e tomassem consciência da importância de manter os cuidados e de aderir à vacina. As formas de “coação” social, isto é, as medidas de contenção sanitária para se evitar o contágio pelo vírus, estavam presentes nos testemunhos e relatos de experiência de personagens e, também, em gráficos, imagens de covas abertas, doentes e nos hospitais lotados.

O dispositivo telejornalístico, como uma tecnologia do imaginário, possui um papel importante na construção do imaginário social da Covid-19 ao evidenciar a crise no espaço

virtualizado e simbólico da informação. A função do telejornal - de representar as implicações sociais do presente - criou uma duplicação na temporalidade e modulou a nossa experiência diante do acontecimento pandêmico. Por meio das telas, experienciamos a crise nos mais remotos lugares do mundo, embora em confinamento. Também acompanhamos o curso da pandemia e todas as suas consequências na sociedade.

Morin (1997, p. 26) afirma que "(...) só então poderemos ver que a morte, como a ferramenta, afirma o indivíduo, o prolonga no tempo, assim como a ferramenta no espaço, também procura adaptá-lo ao mundo (...)". Com a ruptura causada pela pandemia no estilo de vida pós-moderno, o horror da morte passou a estar presente no cotidiano. As tecnologias do imaginário possuem a capacidade de capturar e evidenciar as principais afetações sociais. A morte por Covid-19 significou a possibilidade de diversas pessoas perderem suas individualidades. O Jornal Nacional dedicou a maior parte do tempo de cobertura à temática da pandemia, porque o risco de morte estava imbricado pelo temor da morte, a angústia da finitude. Assim, compreendemos que os sentidos construídos a partir do telejornal se imbricam ao imaginário da pandemia da Covid-19, desencadeando modos de ser e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. “Covax: OMS denuncia desigualdade na distribuição de vacinas”. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-04/covax-oms-denuncia-desigualdade-na-distribuiçao-de-vacinas>>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- ANAZ, Sílvio Antonio Luiz. A imagem e seus sentidos imanentes e transcendentos. **Intexto**, Porto Alegre, n. 49, p. 138-150, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/86302/54081>>. Acesso em: 31 out. 2021.
- BARBOSA, Marialva. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: inter-relações. In: MUSSE, C. F.; VARGAS, H.; NICOLAU, M. (Orgs.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador, 2017. p. 19-36.
- \_\_\_\_\_. Afetações da vida e da morte (Prefácio). In: RIBEIRO, Renata Rezende. **A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida**. Niterói, RJ: EDUFF, 2015, p. 13-16.
- BARBOSA, Tátyna Viana. **Reconfigurações de práticas no telejornalismo do Maranhão na pandemia da Covid-19**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem**. 5. ed.; Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BBC. “Coração, cérebro, pulmão: como a covid-19 afeta nossos órgãos vitais”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55596688>>. Acesso em: 15 set. 2022.
- BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'. **Folha de S. Paulo**, 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>>. Acesso: 22 ago. 2022.
- BRUNO, Fernanda. O biopoder nos meios de comunicação: o anúncio de corpos virtuais. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 3, n. 6, p. 63-79, mar. 2006. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/59/60>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- CALEFFI, Renata; PEREIRA, Ariane Carla. Quantos números têm aqui? A utilização de dados pelo Fantástico na cobertura da Covid-19 no Brasil. **Lumina**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 23–39, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35673>>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- CIQUINI, F. H. Com imagens, contra as imagens: o pensamento por imagens como resistência ao imaginário mediático. **E-Compós**, [S. l.], v. 23, 2020. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1897>>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- CORREIO BRAZILIENSE. “Coronavírus: Veja a cronologia da propagação do vírus descoberto na China”. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/01/29/interna\\_mundo,824286/coronavirus-veja-a-cronologia-da-propagacao-do-virus-descoberto-na-ch.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/01/29/interna_mundo,824286/coronavirus-veja-a-cronologia-da-propagacao-do-virus-descoberto-na-ch.shtml)>. Acesso em: 22 set. 2022.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

\_\_\_\_\_; FALCÃO, Luiz Felipe Novais; MARTINS, Simone. Dos eixos à análise da materialidade: o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém (PA). **Anais [...]** Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2135-1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DEMENECH, Lauro Miranda *et al.* Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. **Rev. bras. epidemiol.**, Rio de Janeiro, v. 23, e200095, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2020000100209&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100209&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: 22 ago. 2022.

DONINI, M. L.; CUNHA, M. R. da. O Instagram como tecnologia do imaginário. **Revista de Estudos Universitários**, [S. l.], v. 40, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/1975>>. Acesso em: 2 nov. 2021.

DOSSE, François. **Renascimento do Acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013.

FIGUEIREDO, Alexandre Medeiros de *et al.* Social determinants of health and COVID-19 infection in Brazil: an analysis of the pandemic. **Revista Brasileira de Enfermagem Brasília**, v. 73, supl. 2, e20200673, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672020001400158&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020001400158&lng=en&nrm=iso)>. Acesso 22 ago. 2022.

FOLHA DE S.PAULO. “Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.shtml>>. Acesso em: 09 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. “TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

GOMES, Denise Cristina Ayres. É melhor prevenir do que remediar: a doença imaginária no jornalismo. **Interfaces**, Botucatu (SP), p. 493-503, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/gWG3QdJxh7DcgXdwqyKDj7j/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

\_\_\_\_\_; REZENDE, Renata Ribeiro. Memória e imaginário da Covid-19 no Jornal Nacional: o hospital no cotidiano midiático. **Lumina**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 103–119, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34587>>. Acesso em: 18 out. 2021.

HARTOG, François. Desordem no presentismo: o tempo da Covid-19. **Revista Comunicação e Memória**. Revista 01, ano 01, p.8-15, Março 2021. Disponível em: <[https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/uploads/Revista\\_Comunicacao\\_e\\_Memoria\\_ano\\_01\\_mar\\_01\\_pdf\\_2898419278.pdf](https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/uploads/Revista_Comunicacao_e_Memoria_ano_01_mar_01_pdf_2898419278.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência no tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

JORNAL NACIONAL. *JN*. Edição 1ª morte. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8407649/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 5 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8517127/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 10 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8543864/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 50 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8641367/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 100 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8763064/>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 200 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9161190/>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 300 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9379505/>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 400 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9476448/>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 500 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9619931/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Edição 600 mil mortes. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9932796/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

KLEIN, Alberto. Dimensão simbólica da imagem e sua sobrevivência na sociedade midiática. In: **Teorias da imagem e do imaginário**. ARAUJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura (Orgs.). Compós, 2014, 368 p.

KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos; SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas. Fatos e pessoas: Uma análise de iniciativas de humanização do jornalismo da TV Globo na cobertura da Pandemia.. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/fatos-e-pessoas--uma-analise-de-iniciativas-de-humanizacao-do-jornalismo-da-tv-globo-na-cobertura-da-pandemia->>. Acesso em: 26 fev. 2022.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Famecos**, p. 74-82, 2001. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. É na galáxia do imaginário que desenvolvemos a convivência. (Prefácio). In: GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da; JORON, Philippe. (orgs.). **Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia**. Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 7-9.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2018.



\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade:** o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MATTA, Gustavo Corrêa *et al.* A Covid-19 no Brasil e as várias faces da pandemia (Apresentação). In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., (eds.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil:** populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; FIOCRUZ, 2021, p. 15-24.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA:** Biopoder, soberania, estado de exceção, política da política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEMÓRIA GLOBO. “Jornal Nacional - Primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede, o JN conquistou a preferência do público e se firmou como um dos mais respeitáveis do país”. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MORIN, E. **O homem e a morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. Telejornalismo e pandemia: as narrativas emergentes em tempos extremos. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da; JORON, Philippe. (Orgs.). **Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia.** Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 97-113.

NEGRINI, Michele. **A morte em horário nobre:** a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. REDÜ, Natália. A perspectiva do risco de morte no Jornal Nacional: ponderações sobre a organização temática na cobertura do coronavírus no Brasil. **Mediação**, p. 11-28, 2020. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/11261>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 11 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. “OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus”. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1. “Globo altera programação e aumenta cobertura jornalística da Covid-19”. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/mudancas-na-globo-em-funcao-do-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. O trabalho dos profissionais de telejornalismo durante a pandemia da Covid-19: desafios e novas práticas. **Panorama - Revista de Comunicação Social**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 26-30, jul./dez. 2021. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/12153/0>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

RIBEIRO, Renata Rezende. **A morte midiaticizada**: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói, RJ: EDUFF, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SIFUENTES, L.; RIBAS, J. V.; ALMEIDA, C. F.; GUILHERMANO, L. Transformações nas rotinas produtivas na televisão pública: o trabalho dos jornalistas da TVE-RS durante a pandemia de Covid-19. **Lumina**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 128–145, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35684>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

SILVA, Juremir Machado da.. A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário. **FAMECOS**, 16 (39), p. 13-18, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5836>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **As Tecnologias do Imaginário**. 3 ed., Porto Alegre: Sulina, 2020.

SILVA, Marcelli Alves; MATOS, Marcos Fabio. Telejornalismo e a pandemia da Covid-19: novas práticas de produção. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/telejornalismo-e-a-pandemia-da-covid-19--novas-praticas-d-e-producao>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. 1998, pp. 177-182.

SOUZA, Michele da Costa; GOMES, Denise Cristina Ayres. Observatório Covid-19 BR e a veiculação da ciência no jornal O Globo. In: ANAIS DO 15º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA, 2021, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** São Carlos (SP), Rede Plene Mariae Produções, 2021. Disponível em: <<http://www.simcom.ufma.br/anais-2021/>>. Acesso em 01 mar. 2022.

SZWARCWALD, Célia Landmann et al. COVID-19 mortality in Brazil, 2020-21: consequences of the pandemic inadequate management. **Archives of Public Health**, v. 80, p. 1-9, 2022. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/56328>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. “Acabou matéria do Jornal Nacional”, diz Bolsonaro sobre atraso em divulgação de casos de Covid-19”. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/06/05/acabou-materia-do-jornal-nacional-diz-bolsonaro-sobre-atraso-em-divulgacao-de-casos-de-covid-19.htm>>. Acesso em 02 jan. 2022.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A -  
FICHA DE ANÁLISE DA AMOSTRA**

<b>Edição</b>	1ª Morte - 17 de março de 2020		
<b>Duração</b>	01h00min35seg	<i>Link</i>	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8407649/">https://globoplay.globo.com/v/8407649/</a>
<b>Material</b>	Total: 27 vídeos                      Seleccionados: XX ocorrências.		
<b>Palavras-chave</b>	Pandemia, Covid-19, novo coronavírus, crise sanitária, morte, medidas sanitárias, protocolos sanitários, hospitais.		

**Descrição da edição:**

**Exemplo:**

Peça 1 - A primeira ocorrência tem como título “*Homem de 62 anos é o primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil*”. É uma reportagem de quatro minutos e dezoito segundos e abre a edição. Na peça, especialistas e representantes de órgãos públicos de saúde do estado de São Paulo fazem coletiva com a imprensa para noticiar a primeira morte pela doença no país. Os representantes destacam que a vítima contraiu o vírus de forma comunitária. A reportagem é apresentada pelo jornalista Alan Severiano que mostra uma ilustração gráfica de uma prancheta médica com o perfil de saúde da vítima. O texto “Covid-19 - Coronavírus. Homem, 62 anos, diabético, hipertenso”, aparece na imagem ao lado da figura de um corpo humano. Na ocorrência, o espaço hospitalar já surge nas imagens como lugar de representação do contexto pandêmico. As ilustrações gráficas, utilizadas como imagens de apoio na reportagem, envolvem uma projeção em terceira dimensão do vírus, ao lado de infográficos com dados sobre a doença.

Peça 2 - A segunda ocorrência também é uma reportagem e tem como título “*Nas redes pública e privada, o esforço é pela criação de mais leitos de UTP*” e dura cinco minutos e trinta segundos. É executada pela jornalista Graziela Azevedo que mostra o momento em que a diretoria do convênio médico Prevent Sênior liga para as autoridades sanitárias repassando os detalhes sobre a primeira vítima da Covid-19. A vítima estava internada em hospital que faz parte do convênio. Cabe destaque para o texto apresentado pela jornalista em sua passagem quando diz que a maioria dos infectados pelo novo coronavírus terá apenas sintomas leves e não precisará de internação. A jornalista também destaca o perfil das pessoas que correm risco de desenvolver a doença em estágio

grave e vir a óbito: idosos, com comorbidades e/ou histórico de doenças respiratórias. Notamos como o texto informativo da reportagem estava próximo à experiência e ao conhecimento que se tinha da doença. A jornalista também fala sobre a necessidade de UTIs para doentes graves e projeta a disponibilidade dos leitos nos sistemas privado e público do país.

**APÊNDICE B -**  
**FICHA CATALOGRÁFICA DA AMOSTRA**

Edição	1ª Morte - 17 de março de 2020							
Duração	01h00min35seg				Link	<a href="https://globoplay.globo.com/v/8407649/">https://globoplay.globo.com/v/8407649/</a>		
Ocorrência	Tipo de Ocorrência	Título da Ocorrência	Descrição Disponível	Tempo de Duração	Descrição das imagens	Descrição dos sons	Palavras-chave	Observações
1	Reportagem	“Homem de 62 anos é o primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil”	Coletiva de imprensa de autoridades e especialistas do estado de São Paulo falando da primeira morte em decorrência da Covid-19 no país.	04 min 18 seg	Imagens da coletiva de imprensa e das falas das fontes. Uso de recursos gráficos para ilustrar o paciente vitimado e os números sobre a mortalidade da doença em pessoas com comorbidades. Passagem do repórter em frente ao hospital. Take de uma profissional da	Limpo, voz do repórter, falas de fontes e autoridades.	Morte, Covid-19, Coronavírus, Hospital.	Para ilustrar a primeira vítima, é utilizada uma ilustração gráfica do corpo, órgãos e descrições de comorbidades.

					saúde vestindo a luva cirúrgica.			
--	--	--	--	--	----------------------------------	--	--	--

